Tramando Certezas e Esperanças

Esta livro é para mim, uma autobiografia completa por depoimentos de várias participantes desta aventura, que começa com mulheres operárias e não termina, mas até o fim provisório enumera uma serie de batalhas que estas mulheres inacreditáveis venceram, dando início a um novo mundo que começa no Rio Grande do Sul, abrange o Brasil inteiro, e se espalha pela Venezuela, Uruguai e outros países da nossa América do Sul. Com o triunfo da Justa Trama na Espanha, na Itália e em outras paragens do Velho Mundo, não parece haver limites à economia solidária. Paul Singer

Nelsa Ines Fabian Nespolo, Nova Padua-RS, filha de Pasqual e Gema Fabian e 6 irmãos. Casada, Claudir Nespolo e mãe de Gabiela e Tiago. Militante da JOC, das comunidades de Base, do orçamento participativo em Porto Alegre, da Economia solidaria, mulheres, da Unisol. Socia fundadora da Cooperativa Univens, Justa Trama e banco comunitário Justa Troca.

978-620-2-03864-5

Tramando certezas e Esperanças.

Fabian Nespolo

Nelsa Inês Fabian Nespolo

Tramando Certezas e Esperanças

A história não para...

Novas Edições Acadêmicas

Nelsa Inês Fabian Nespolo

Tramando Certezas e Esperanças

Nelsa Inês Fabian Nespolo

Tramando Certezas e Esperanças

A história não para...

Novas Edições Acadêmicas

Imprint
Any brand names and product names mentioned in this book are subject to trademark, brand or patent protection and are trademarks or registered trademarks of their respective holders. The use of brand names, product names, common names, trade names, product descriptions etc. even without a particular marking in this work is in no way to be construed to mean that such names may be regarded as unrestricted in respect of trademark and brand protection legislation and could thus be used by anyone.

Cover image: www.ingimage.com

Publisher:
Novas Edições Acadêmicas
is a trademark of
International Book Market Service Ltd., member of OmniScriptum Publishing Group
17 Meldrum Street, Beau Bassin 71504, Mauritius

Printed at: see last page
ISBN: 978-620-2-03864-5

Copyright © Nelsa Inês Fabian Nespolo
Copyright © 2017 International Book Market Service Ltd., member of OmniScriptum Publishing Group
All rights reserved. Beau Bassin 2017

Tramando certezas e esperanças

A fábrica…
O orçamento participativo…
A Cooperativa Univens…
A Justa Trama…

Quero dedicar este livro para:

Meus pais Pasqual e Gema,
por me entenderem e apoiarem sem limite.
A Clarindo e Mires, que incentivaram e acreditaram.

A meu parceiro de escolhas e de vida Claudir,
que esteve e está junto comigo sonhando e construindo.

Aos filhos Gabriela e Tiago, que são parte de tudo
e vibraram com cada conquista e são meu orgulho.

A cada familiar que participou
em algum destes momentos especiais.

A todos os lutadores do Orçamento Participativo
de Porto Alegre, aos moradores da Vila Nossa Sra.
Aparecida do bairro Sarandi; através da luta
conseguimos mudar as condições de vida.

Às(aos) cooperadas(os) da Univens que construíram,
persistem e acreditam no trabalho coletivo e
na construção de uma sociedade mais justa.

A todos que estiveram e estão na construção da Justa Trama,
que fazem com que o Brasil seja este lugar que estamos
construindo, com outra forma de desenvolvimento.

Às(aos) parceiras(os) e amigas(os) de outros países,
que sempre acreditaram na nossa construção e que em muitas
das fases estiveram presentes e nos ajudaram a seguir em frente.

A Paul Singer que acompanha nossa historia
e transforma a Economia Solidária neste país.

Ao amigo Tarso Genro, que me deu a oportunidade
de participar dos 4 anos do Goveno do Estado do RS e,
assim, contribuir para o avanço da Economia Solidária.

À Unisol Brasil e RS que nos aproxima para enfrentar
os desafios de construir outra economia.

A cada uma(um) que está lutando todos os dias e acredita e faz
acontecer a construção de um mundo mais justo e solidário.

Sumário

Apresentação 9
Paul Singer

Introdução 11

Biografia 13

A origem 17

Porto Alegre 25

A fábrica – movimento sindical..... 26

O Orçamento Participativo – movimento popular..... 29

A Cooperativa Univens – cooperativismo e
economia solidária 35

A Justa Trama – cadeia produtiva solidária e
economia solidária 57

Depoimentos 100

Apresentação

Este livro é, para mim, uma autobiografia, completada por depoimentos de diversos participantes desta aventura, que começa com mulheres operárias e não termina, mas até o seu fim provisório enumera uma série de batalhas que estas mulheres inacreditáveis venceram, dando início a um novo mundo que começa no Rio Grande do Sul, abrange o Brasil inteiro, e se espalha pela Venezuela, pelo Uruguai e por outros países da nossa América do Sul.

Com o triunfo da Justa Trama na Espanha, na Itália e em outras paragens do Velho Mundo, não parece haver limites à economia solidária.

Em suma, acabei de ler o manuscrito inteiro e ainda estou emocionado. Sem dúvida aceito o convite da escritora de apresentar a sua saga com a vaga ambição de indicar o quanto a lição da epopeia da Justa Trama indica caminhos prováveis para a Revolução Pacífica que a economia solidária poderá promover por toda parte.

Acredito ainda mais no potencial revolucionário da economia solidária porque o relato singelo de Nelsa não contém um único caso de subjugação, de êxito conquistado pela força contra um inimigo declarado. Os inimigos são o capitalismo e os que tiram proveito dele. Mas, até agora, não os temos preocupado, pois não recorremos à coação e pregamos e praticamos o respeito pelos que de nós divergem.

Com mais um repetido obrigado a você.

Paul Singer
Economista e professor aposentado da USP
Secretário Nacional de Economia Solidária – SENAES
nos dois Governos de Lula e no Governo de Dilma

Introdução

Este livro é um reflexo de uma caminhada, e tem por principal objetivo apresentar as contradições do dia a dia, as dificuldades, os desafios, as conquistas e a luta permanente para, de fato, construir o que tanto e em tantos sonhamos, que é uma sociedade mais justa, mais igualitária.

Essa sociedade necessita, por parte de todos, um grande esforço de enfrentamento às desigualdades sociais. Conquistar direitos nos locais de trabalho e na luta dos trabalhadores assalariados. Conquistar melhores condições de vida e de moradia significa deslocar o recurso público para quem mais precisa com obras de infraestrutura, de saneamento, pavimentação. Ter nome nas ruas das vilas, ter transporte público de qualidade são passos importantes para que, a partir desses direitos, se avance na conquista da sociedade que queremos construir.

Entendo que só passa a ser importante para o morador a escola, a assistência social, a cultura, depois que ele conquista o saneamento e a pavimentação, pois não tem como ter dignidade e força, energia para lutar pelos outros direitos, quando o esgoto corre a céu aberto na frente de casa, juntando mosquitos e todo tipo de doença.

Acredito que uma mudança mais radical da sociedade passa, sim, pela mudança do modelo econômico. Para onde vai a riqueza que os trabalhadores geram? Porque estamos vivendo numa sociedade onde os muitos que trabalham são pobres e os que têm o poder sobre os instrumentos de trabalho são ricos? Porque, quando um trabalhador consegue, individualmente, ter o poder sobre os equipamentos de produção, reproduz as mesmas relações de antes, quando era trabalhador empregado?

A economia solidária não é só ser dono dos meios de produção, é construir outras relações, é produzir de outra forma, é dividir entre os trabalhadores que geram a riqueza. Na economia solidária só tem trabalhador, mas o grande segredo é ser coletivo. O coletivo é difícil, mas é ele que nos reeduca, é ele que nos faz vibrar com as conquistas, é ele que provoca uma consciência que tudo vai além de mim mesmo, de minha família, de meu vizinho. É o poder do **nós**.

O trabalho é prazeroso porque não é motivado somente pelo salário no fim do mês. É a apropriação do que se está produzindo, é a consciência de qual matéria-prima estamos usando, de onde ela vem e para quem vai nosso produto. É mudar o local para fazer a mudança mais ampla. É o desenvolvimento local que acontece e no qual não há acomodação e em que se visa buscar mais, ir além! É a partir do local que se busca dar visibilidade para o país ou para fora do país, pois, afinal de contas, só descansaremos quando mudarmos o mundo. As cadeias produtivas da economia solidária apontam para esta mudança, e esta possibilidade está acontecendo.

Biografia

Sou Nelsa Inês Fabian Nespolo. Nasci em Nova Pádua, no Rio Grande do Sul, em 9 de abril de 1963. Filha de Pasqual Fabian e Gema Alessi Fabian, sou a quinta dos 7 irmãos: Clarice, Roberto, Zélia, Bruno, eu, Celso e Ivanor. Sempre lembro que, se fosse hoje em dia, quando as famílias reduziram muito o número de filhos, provavelmente eu não teria nascido.

Minha família é de agricultores familiares que, até hoje, continuam, sobretudo, com a cultura de vinhedos, frutas e legumes.

Aos 13 anos fui morar em Flores da Cunha, mas o envolvimento na luta iniciou aos 17 anos, em Pelotas, quando trabalhava nas fábricas de conserva e, especialmente, quando assumi a Juventude Operária Católica (JOC), com o método Ver, Julgar e Agir, que ensinava que ninguém mais poderia ficar indiferente perante a realidade, independente do lugar em que estivesse, pois sempre tinha luta por fazer. Em 1983 assumi a coordenação nacional da JOC e fui morar em São Paulo. Neste período conheci boa parte do Brasil, realizando visitas e encontros para fortalecer o movimento da Juventude Operária.

Casei com Claudir Nespolo, em 1986, e assumimos o desafio de fortalecer o movimento morando um ano em Fortaleza, no Ceará. Atuamos nas fábricas de confecção, onde ocorreu a principal ação de organização. Em 1988, viemos morar definitivamente em Porto Alegre, na Vila Nossa Senhora Aparecida, no bairro Sarandi, numa grande ocupação, onde faltava tudo e onde os esgotos corriam a céu aberto e o barro acompanhava os calçados de todos. A vila também fora toda ocupada, sem reserva de espaços de lazer. Hoje residem aí mais de 4 mil pessoas. Naquela época, trabalhando numa multinacional durante 5 anos, tive os dois filhos: Gabriela e Tiago.

A luta se dá dentro da fábrica, e tem por objetivo mudar as condições de trabalho, a desigualdade de salário entre homens e mulheres, e avança junto com outros trabalhadores do movimento sindical. Já em 1991, demitida da fábrica por causa de toda a luta e das conquistas, comecei a trabalhar de forma autônoma, como costureira. Neste momento se intensifica a ação no movimento popular.

Assumi como delegada e depois como conselheira no Orçamento Participativo de Porto Alegre, com todas as implicações que tem este trabalho e com o grande desafio de decidir onde aplicar o recurso público sem ser gestor público. A vila muda, a cidade provoca uma paixão porque você é parte de cada mudança.

Essa motivação e essas mudanças, conquistadas com a participação, não poderiam acontecer de outra forma senão na busca da organização para o enfrentamento da geração de trabalho e renda. Foi mais que isso. Foi o encontro com a Economia Solidária. Com isso, em 1996, estive na idealização da Cooperativa Univens, que começou com três mulheres e, depois, chegou a mais de 34. Estive na fundação e na direção da Unisol Brasil, criada em 2004, em São Bernardo do Campo-SP, em dois mandatos como secretária geral e, no terceiro, como Diretora dos Setoriais. Em 2006 estive na criação e direção do centro Social Nova Geração e na criação da cooperativa Nova Geração, formada pelas educadoras da Escolinha de Educação Infantil. Tive participação ativa nos fóruns de Economia Solidária Municipal, Estadual e Nacional e, também, nas edições do Fórum Social Mundial que aconteceram em Porto Alegre e naquele que ocorreu em Belém do Pará.

Ainda em 2005, participei na idealização e na criação da Justa Trama. Em sua formalização, em 2008, assumi como diretora presidente. A Justa Trama, a Unisol Brasil, a Univens, o Fórum Brasileiro de Economia Solidária e o Orçamento Partici-

pativo me propiciaram conhecer e participar de atividades em vários países, como Chile, Argentina,Venezuela, Uruguai, Peru, Cuba, Canadá, Itália, Espanha e Nicarágua. Também pude conhecer e andar por este nosso país como se fosse nossa grande casa, pois, em quase todos os estados, fui organizar, planejar, avaliar, articular para que as mudanças se consolidassem e um outro mundo de fato acontecesse.

Em 2010 elegemos, no estado do Rio Grande do Sul, Tarso Genro, do PT, como governador do Estado. Com isso, assumi, em 2011, a diretoria da Economia Solidária do Estado do RS. O Governador criou a primeira Secretaria Estadual de Economia Solidária e o Apoio à Micro e Pequena Empresa do Brasil – SESAMPE. Com essa iniciativa, pudemos avançar em muitas das demandas que sempre foram colocadas pelo movimento da Economia Solidária.

Tomar a decisão de assumir a diretoria de Economia Solidária no Governo do Estado foi uma decisão muito difícil, e essa, entre outras decisões, é que muitas vezes fazem a vida tomar outra rota, mas nunca distanciando-se dos princípios e de tudo que sempre acreditei e acredito. O sentimento é que os desafios nunca terminam, que cada dia é diferente e que a persistência abre novas possibilidades.

Esse período na direção da Economia Solidária foi muito importante porque não me afastei nem da Univens e nem da Justa Trama. O tempo apenas ficou menor na Univens, onde atuo das 7h às 8h30min todas as manhãs. Coordenando a Justa Trama, percebo que todos os minutos do dia são importantes para avançar em todas essas frentes.

É um momento bem importante também para provar que ser empreendimento e assumir a gestão pública é extremamente especial e possibilita o avanço na política pública a partir de outra ótica. Lutamos muito e acreditamos no que fazemos, e não estamos neste espaço por uma visão isolada da política naquele

momento. Ocupamos e dedicamos todos os minutos e dias na coerência do que sempre defendemos, queremos e construímos juntos. Essa dimensão também nos faz vibrar muito com cada conquista, sabendo que o que conquistamos aqui no Estado inspira outros Estados, o Brasil e também o mundo. Como exemplo, podemos citar o sistema de certificação dos empreendimentos da economia para o Brasil, a cadeia solidária Binacional do Pet para outros países e Estados e tantas leis conquistadas...

Posso afirmar que, passar por um movimento como a JOC, a família, a fábrica, o orçamento participativo, a Univens, a Justa Trama e estar na gestão pública do Governo do RS (2011-2014) têm sido presentes que a vida me deu e que não poderiam me fazer mais feliz.

Assim, vamos avançando e construindo um mundo mais justo em meio a certezas e esperanças... Pois, de fato, a história não para...

A origem

É importante resgatar a origem, de onde somos e de onde viemos. Num lugarejo muito pequeno, chamado Nova Pádua, situado no Rio Grande do Sul, residem várias famílias de descendência italiana e, portanto, com costumes bem típicos, como a colheita da uva e do trigo. São famílias numerosas, e sua alimentação é baseada em massas, vinhos, salames, queijos e polenta. A língua falada é um dialeto do Vêneto (Itália).

A escola onde cursamos as séries iniciais eram conhecidas como "Brizolinhas", pois foram criadas e construídas quando Leonel Brizola foi governador de nosso estado. Todas as séries iniciais, ou seja, do pré à 4ª série, ocorriam na mesma sala e com uma única professora; os quatro quadros eram diferentes. A educação tinha muita qualidade, tanto que seguíamos sem dificuldades nas séries seguintes em outra escola, distante três quilômetros, trajeto que fazíamos a pé todos os dias. A professora Orsolina era uma educadora em todos os sentidos, ensinava comportamentos e princípios de vida, que partiam desde o acompanhamento às brincadeiras na hora do recreio. Muitas vezes ela partilhava seu próprio lanche conosco.

Neste lugar havia um incentivo muito grande para que os filhos se tornassem padres ou freiras. Meu pai esteve 5 anos no seminário, e meus irmãos Roberto e Bruno também. Lá fui eu, também, com essa motivação de ajudar os outros, e deixei meus pais quando eu tinha 13 anos. Fiquei 2 anos em Flores da Cunha, 1 ano em Garibaldi e 2 em Pelotas. Em Pelotas éramos um grupo de 4. O grupo todo desistiu, pois percebemos que poderíamos fazer o bem e lutar sem abrir mão de uma relação conjugal. Foi quando conheci o movimento de Juventude Operária Católica (JOC), isso em 1981, através da Bernadete e da Clarete.

A JOC construiu em mim princípios de vida, de valores e, sobretudo, me fez ver que o mundo só muda se nós mudarmos. Construímos um movimento ativo na cidade de Pelotas. Desafiou-me a trabalhar nas fábricas de safra de pêssego, lidando diretamente com soda. Nossas mãos se rasgavam entre os dedos. Com uma fichinha, controlavam os minutos que tínhamos para ir ao banheiro e se, durante o dia, a soma era mais que 15 minutos, descontavam no salário. Estamos falando de uma grande fábrica com poucos banheiros.

O dia do pagamento era um verdadeiro horror. Depois de um dia todo em pé, entrávamos em uma grande fila para receber nosso salário. Os últimos a serem atendidos chegavam a aguardar até às 11 horas da noite, em lugar isolado e escuro. Aqui conheci o que não deve ser um sindicato, o qual sempre esteve omisso. E assim aprendemos a lutar, a fazer panfletos, a planejar ações, participar de assembleias de campanha salarial e fazer parte da comissão de negociação, para negociar direto com os patrões. Com essas ações, o pagamento do salário passou a ser durante o horário de trabalho.

Em 1983 organizamos o 3º Congresso Nacional de Jovens Trabalhadores.

No final de 1983, assumi a coordenação nacional da JOC, com sede em São Paulo. Desempenhei esta função até 1986. Neste período tive a oportunidade de conhecer quase todo o Brasil, pois nosso papel era de ir onde estavam os militantes da JOC e, a partir do método Ver, Julgar e Agir, ajudar a planejar as ações de cada um e do coletivo da cidade.

Não consigo escrever sobre esta parte da vida, pois gostaria de colocar o nome de todos os que marcaram esse período, mas tenho receio de esquecer alguém, pois todos foram muito importantes.

Às vezes não consigo entender meus pais, de como eles conseguiram conviver com essa minha liberdade, que provocou as viradas de minha vida. Quando decidi ficar em Pelotas para recomeçar minha vida, deve ter sido o pior período para eles, pois eu estava só no mundo, e nem eu mesma sei como sobrevivi. Tenho certeza de que, se não tivesse encontrado uma amiga tão especial quanto a Bernadete, não sei que rumo minha vida teria tomado. Com certeza não teria conhecido a JOC e aí tudo teria sido diferente. Ela foi uma grande companheira, pois chorava e ria comigo e, em vários momentos, sustentou-me financeiramente e segurou as pontas como jamais visto antes.

Alguns fatos, com certeza, ajudam-nos a despertar e a começar a pensar diferente. Lembro quando o Roberto, meu irmão, enviou-me, em 1977, o livro *O Pequeno Príncipe,* cuja leitura me fez refletir mais sobre a vida, o comportamento, os sentimentos, com certeza de forma ainda infantil. A sintonia dele em perceber meus momentos difíceis, sobretudo financeiramente, e sempre ter a percepção tão forte da solidariedade foi incrível!

Esses são valores difíceis de compreender em 2014, porque a realidade é outra. Em 1992 o desemprego era muito forte, era difícil de conseguir um emprego com qualidade, que não fosse temporário, sobretudo na cidade de Pelotas, onde o forte da economia eram as fábricas que absorviam bastante mão de obra somente nas safras de pêssego ou moranguinho...

No período em que fiquei em São Paulo, acho que entendi as diversidades deste Brasil, e que Brasil! Viajávamos para todas as cidades onde tinha a JOC, e ficávamos na casa dos "militantes" e de suas famílias; geralmente eles moravam com os pais, vivendo em todas as condições de emprego ou desemprego. Eram casas em que as mães, em muitos casos, eram as únicas provedoras. Elas eram verdadeiras lutadoras, fazendo milagres com o pouco que tinham, sempre de bom humor, e se orgulhavam de seus filhos. Aprendi a dormir em rede e a me adaptar facilmente a todo tipo de situação e, também, à alimentação. Foram anos difíceis, conheci a fome, a seca, a miséria, a dor e a falta de esperança também. Viajávamos horas, como quando demorávamos 52 horas de ôni-

bus até Fortaleza, ou seguíamos até Teresina ou mesmo a Belém do Pará. Íamos Brasil afora sempre de ônibus, com pouco dinheiro, mas com o vigor da juventude e dos sonhos. Cada mudança, cada conquista era uma nova esperança, uma nova energia.

Em 1986 casei com Claudir, que também tinha sido da coordenação nacional da JOC. Ao nosso casamento vieram mais de 300 convidados, além dos familiares. Eram todos da JOC, de vários lugares do Brasil e também da Argentina, do Uruguai e da Bélgica. São pessoas queridas, que sempre lembram deste momento, e hoje muitos estão aí nas lutas e nas frentes das grandes conquistas de nosso país. Casamos em um CTG (Centro de Tradição Gaúcha), em Passo Fundo.

Em janeiro de 1987, fomos morar em Fortaleza, para fortalecer o movimento. A fábrica em que consegui emprego, de confecção, era chamada de "Senzala do Asfalto", por causa das condições de trabalho que oferecia. O Ceará é um estado especial, pelo seu povo, pela sua cultura, sua praia, sua culinária e suas frutas. Logo organizamos o grupo que trabalhava na confecção e montamos o jornal "Pano pra manga". Era um grupo bom, fazíamos campanhas para conseguir folhas de ofício para imprimir o jornal e, depois, íamos nas portas das fábricas distribuí-lo.

Ninguém perguntava de quanto seria o salário, pois todos os trabalhadores ganhavam salário mínimo. Minha função nas duas fábricas em que trabalhei era de revisora de qualidade. Perdi o primeiro emprego porque nós, do grupo da confecção, chamamos a categoria para um debate sobre as condições de trabalho, através de um panfleto; o supervisor foi à reunião e então fui demitida. Na segunda fábrica, tivemos a experiência de greve geral. Em 1987 o movimento sindical, já com a atuação forte da CUT – Central Única dos Trabalhadores, coordenava as lutas nacionais e várias eram as chamadas para que todos os trabalhadores parassem o país.

Naquele ano também a JOC realizou, em nível nacional, o 4° Congresso Nacional de Jovens Trabalhadores. A movimentação foi grande em bairros e cidades. O Congresso no Ceará teve uma participação ativa e uma grande mobilização.

Foram tempos marcantes.

É bom viajar e conhecer realidades. Parece que o mundo não tem limites... No entanto, chega um dia em que o mundo parece não ter chão. Há necessidade de ter uma história mais continuada, ter vizinhos, ter um canto, um endereço fixo.

E buscamos tudo isso em Porto Alegre, e temos muito mais que isso. Foi o ano em que o PT começou a administrar a cidade e a implantar o orçamento participativo, isso a partir de 1988.

Porto Alegre

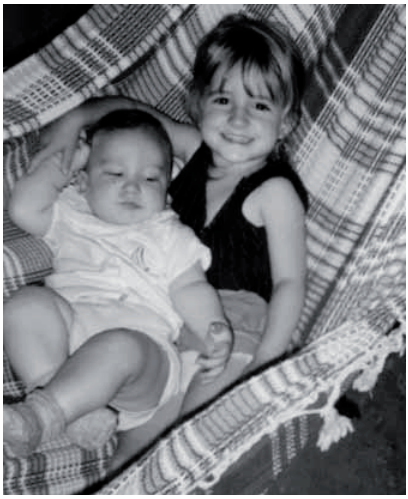
Com nossas poucas economias e com a ajuda da família fomos morar na vila Nossa Senhora Aparecida, no Bairro Sarandi. A vila antigamente era uma área de plantação de arroz. Em 1977 ela foi ocupada, com muita luta, muitas contradições e sofrimento. As ruas ainda eram todas sem pavimento, e os esgotos corriam a céu aberto. Alguns foram canalizados pelos próprios moradores. Já havia luz e água canalizada. Um lugar calmo e bom, porém uma vila com uma história de dominação e clientelismo de recursos, que até então o poder público repassava diretamente à associação de moradores. Havia, também, programas do governo federal, como os ticket de leite. Tudo isso começou a mudar com o orçamento participativo.

A fábrica
– movimento sindical

Consegui emprego numa empresa multinacional de aveia e polentina, onde quase todo o processo de produção era automatizado; portanto, os trabalhadores faziam tudo repetitivamente, como se fossem mais uma máquina. Às vezes dava até para cochilar, porque o corpo fazia o movimento automaticamente. O barulho era tanto que, mesmo usando fones, ele retumbava em nossas cabeças. Era sair de casa às 5h30min da manhã e retornar às 18h30min. Imagina quem morava em Gravataí, Canoas, Guaíba, Alvorada, Viamão... Esse era o horário oficial, porque o normal era fazer mais duas horas extras por dia e mais o final de semana. A vida ia ficando tão pequena, que eu não via o sol nascer e, no inverno, nem se pôr, muitas vezes durante uma semana. O trabalho da casa se acumulava. Não conhecia meus vizinhos. Os amigos eram os colegas da fábrica.

Nesse contexto, iniciamos as lutas. Conseguimos muitas mudanças. A primeira foi salário igual para homens e mulheres na mesma função e até repasse financeiro para quem tivesse filhos pequenos para alguém cuidar, pois a creche conveniada tinha horários impossíveis, e ficava fora da rota de quase todas as mães. Em vários outros problemas intervimos, como convênio médico, alimentação no refeitório da empresa. Até café da manhã com pão conquistamos.

Mas o que sempre me angustiou muito era ver homens e mulheres do meu lado completando 20 ou 25 anos na empresa e fazendo sempre a mesma coisa, não sabendo produzir nada por completo. Reduzir toda uma vida a isso em nome do quê? Da sobrevivência? O que vamos deixar desta vida? O que aproveitamos dela?



Durante os 4 anos e meio que fiquei nesta fábrica, tive meus filhos Gabriela e Tiago.

Neste período me questionei mais ainda sobre os valores como mulher. O que conquistamos com o emprego das mulheres? É essa a emancipação que tanto queríamos? Não. Porque, na classe operária, não trabalhamos por opção de libertação da mulher, mas porque realmente essa renda é necessária. Quantas companheiras tinham renda única e, por isso, não podiam abrir mão do emprego e se submetiam a tantas condições que as fábricas impunham?

Tantas mulheres fazem ainda hoje o que eu fazia. Levantávamos às 5h e carregávamos nossos filhos enrolados em cobertores até a casa de uma vizinha e amiga, chamada Neli.

E o pior é o retornar à noite. O que fazer por primeiro? Dar atenção aos filhos? Arrumar a cama? Lavar roupa?

É o tempo em que a mulher mais tem sonhos, e que aos poucos a rotina do dia a dia faz desaparecer, como que atrás de uma cortina de fumaça. E o pior, olho para meu lado e vejo que essa é a rotina dessas mulheres empregadas. É uma fase? Pode até ser, mas a idade dos 18 aos 45 anos também é só uma fase, e ela não retorna mais.

Conquistas, sobretudo dentro das fábricas, neste período, sempre exigiam muitas renúncias, inclusive aceitar em momentos desta luta o isolamento, para que os companheiros e companheiras não fossem demitidos. Eram fins de semana em reunião, planejando e construindo consciência. Mas cada mudança fortalece, dá um grande sentido para a vida e também para as renúncias.

Por causa de todo movimento que foi feito dentro dessa fábrica, fui demitida no final de 1991. A saída da fábrica me desligou automaticamente de toda a relação com o movimento sindical, pois organizamos a oposição ao Sindicato dos Trabalhadores da Alimentação de Porto Alegre e região, e não conseguimos vencer.Também me afastei da luta das mulheres da categoria da alimentação através da Federação.

Quantos conflitos! O que vou fazer? Continuei acordando às 5h por muito tempo. Vivi todo aquele conflito de sentimento de inutilidade, porque sempre trabalhei como empregada e me parecia isso um grande valor. Tive incentivo muito grande da família para tentar alguma coisa de forma autônoma. Comprei uma máquina de costura com o acerto da fábrica e comecei a costurar.

Jamais poderei transmitir aqui o tamanho da felicidade que senti quando fiz a primeira calça de moletom cinza para meu filho. Era o primeiro produto feito por mim do começo ao fim. Era quase meia noite e eu andava pela casa feliz com aquela peça e com vontade de chorar de tanta felicidade. Esse sentimento é tão profundo porque reencontramos a capacidade que temos de criar e produzir, o que abre um caminho sem fim. Comecei a costurar pra fora, comprava tecidos e as pessoas escolhiam o que queriam que fosse confeccionado. Isso dava uma renda razoável, além de permitir com que eu acompanhasse meus filhos. Foi muito emocionante viver esse período sem patrão, sem horário, você ser dono de sua mão de obra e de seu produto. Olhar as pessoas na rua vestidas com uma roupa que você fez dá um orgulho tão grande...

Sempre estive presente nas reuniões da vila, mas a associação de moradores era distante da vida dos moradores, pois sempre ficou na mão da mesma família ou dos influentes, que se moviam por outros interesses. Em 1993 comecei a me aproximar do movimento popular da região através do orçamento participativo.

O Orçamento Participativo – movimento popular

Como delegada (representante) eleita na assembleia da Vila, senti a responsabilidade não só com a vila onde moro, mas com as outras, pois votava nas obras a serem realizadas nestas. Qual necessidade é mais gritante? Ser capaz de distinguir o discurso emocionado do que é real. Andar pela vila e pela região e ver obras sendo feitas, com as quais você contribuiu com seu voto e com seus argumentos, faz brotar dentro da gente uma responsabilidade e também um orgulho muito grande. Você faz parte desta cidade, você a defende. Na relação com o poder público, pelo menos sempre me senti como tendo um papel importante. Não estávamos mais reivindicando ou cobrando para alguém fazer. Estávamos decidindo para que fosse feito. Em 1995 e 1996 participei como Conselheira do Orçamento Participativo, representando a região Norte, eleita como os das demais 15 regiões, em assembleia aberta para todos os moradores da região.

Há tantas coisas que seriam importantes realçar! As comissões de acompanhamento das obras é uma delas. Essas comissões, eleitas pelos moradores onde seria executada a obra, acompanhavam e fiscalizavam de tal forma que fazíamos com que os técnicos e as empreiteiras ouvissem a opinião da comunidade. Abria-se o debate e, por várias vezes, as empresas, graças a essas comissões, reviam o material usado, sobretudo nas obras de pavimentação e saneamento. Isso é intervenção direta na aplicação correta do recurso público.

Outro aspecto é a solidariedade de moradores, que, quando conseguem a pavimentação ou o saneamento de sua rua, continuam participando para que essa conquista se estenda a outras ruas.

A relação que criamos com os Secretários Municipais, assim como com o prefeito, autoridades que constantemente participavam das reuniões do COP (Conselho do Orçamento Participativo) e vinham na região para prestar conta, para participar do debate, ouvir a comunidade e ficar até o final da assembleia e ser o último a falar, aos poucos nos fez corresponsáveis, já que não eram autoridades longe do povo ou que faziam um favor quando nos recebiam, ou quando atendiam uma reivindicação. Pela forma como pudemos participar e decidir, nos sentimos cidade e cidadão. Assim era o comportamento da administração popular do PT em Porto Alegre.

Em 1993 tivemos uma grande conquista: um grupo de famílias iniciou a luta por um espaço coletivo, onde pudéssemos vivenciar nossa fé e que também tivesse uma finalidade social. Com a participação e contribuição da comunidade com doações, livros-ouro, arrecadações em festas, compramos um prédio, e o Demhab doou o terreno onde seria construído um salão/capela. Foi uma comissão muito lutadora, tanto que permaneceu na direção durante 7 anos, período no qual reformou todo o prédio e piso, cativando a comunidade, tornando esse local uma referência. Foi nosso salão/capela Nossa Sra. Aparecida.

Essa vontade de animar a comunidade nos motivou a organizar brincadeiras com as crianças na vila, de forma muito participativa. O programa era "Brincando na Rua".

Porém uma das ações que nos orgulham muito foi a conquista do nome das ruas. Até então as ruas não tinham nome, eram identificadas por número ou letra. Então decidimos fazer um plebiscito: primeiro íamos nas casas da rua e recolhíamos as sugestões de nomes e, depois, passávamos casa por casa daquela rua recolhendo o voto. O nome mais votado nomeava a rua. Por meio de placas, convidamos os moradores para, junto ao então prefeito Tarso Genro e lideranças, receberem oficialmente a placa com o nome de suas ruas. Isso também é cidadania: além de ter um endereço, poder decidir o nome desse endereço. Alguns nomes, em especial, chamam atenção: Cidadania, do Povo, da Cultura, Mário Quintana, Esperança, entre outros.

O orçamento participativo é, sem dúvida, a melhor forma de decidir a aplicação das verbas públicas. Esse processo é feito com paixão e também com convicção. As disputas para conselheiros são bastante acirradas. Existe a proporcionalidade e, conforme a quantidade de votos, se forma a representatividade.

O aspecto mais necessário a ser discutido é quanto à ORGANIZACÃO que o orçamento participativo gera. O orçamento afirma o cidadão e a busca de sua cidadania. Para conquistar, ele não precisa mais estar vinculado a uma associação de moradores, é só se juntar a outros cidadãos, fazer uma assembleia e ir

para a disputa do recurso público. Num primeiro momento, isso é positivo, porque grande parte das associações haviam distorcido seu papel, sobretudo porque, antes do OP, verbas públicas eram entregues para obras nas vilas, mas muitas vezes não iam para o destino previsto. Hoje ninguém mais tem acesso às verbas para infraestrutura: elas são feitas diretamente pela prefeitura, conforme decisão do OP.

Com tudo isso, as associações não reviram seu papel. Algumas estão abandonadas, outras fizeram convênios para as creches e seu papel passou a ser administrar essas creches. Poucas ainda abraçam a luta do movimento comunitário. A pergunta é: E a grande parte dos cidadãos do orçamento participativo, em que organização se engajou?

O Orçamento Participativo acabou com a "política do toma lá dá cá", ou seja: o político conseguia a obra e depois a comunidade dava o voto a ele. O OP desmistificou as associações de moradores que sobreviviam de assistencialismo e de verbas públicas. Mas, e agora? Temos que construir uma nova forma de organização, como consequência desse aprendizado que vivemos com o orçamento participativo.

Um dos caminhos acredito ser uma nova forma de pensar nossa vida, nossa mão de obra, pois, conforme conquistamos as demandas de infraestrutura (saneamento e pavimentação), o desafio cada vez mais será no social. O Orçamento Participativo fará esse debate de forma cada vez mais aprofundada.

Sempre o Orçamento Participativo será uma marca para a organização popular. Mas não é a organização o papel do OP. Ele pode promover esse debate, mas a organização da Vila, da associação de moradores é papel do movimento popular, que se fortalece pelo OP, pois democratiza o recurso público e, com toda certeza, fará a aplicação correta desse recurso, fortalecendo a cidadania. Esse processo pode acontecer em todas as esferas, no município, no estado e no país, com diferentes dinâmicas, pois a democracia deve avançar em todos os sentidos, e sua radicalidade acontece quando altera a ordem da economia, para onde vai o dinheiro e quem decide para onde deve ir. Se não for o povo, alguém vai decidir.

A Cooperativa Univens – cooperativismo e economia solidária

No ano de 1996, nos reunimos entre três mulheres (Sonia, Iara e eu) para conversarmos sobre nossa vila. Constatamos duas realidades que nos chamaram mais atenção: os adolescentes estavam sem perspectiva, mas poderiam ter alternativas de capacitação profissional, e muitas mulheres estavam desempregadas porque as fábricas de confecção haviam falido e o mercado não mais absorveria esta mão de obra por causa da idade delas. Para outras mulheres, com filhos pequenos, o que pagariam para alguém cuidá-los não compensaria o salário que ganhariam; também havia mulheres que costuravam por conta, mas a entrada dos produtos asiáticos estava diminuindo as encomendas.

Então aproveitamos o dia em que dois representantes do Hospital Conceição estiveram no posto de saúde da vila para conversar com eles. Propomos a eles costurarmos para o hospital, e nos perguntaram quantas mulheres estavam interessadas. Para animá-los, falamos que tinha umas vinte interessadas. Eles nos colocaram que era necessário sermos uma entidade: cooperativa ou associação. Chamamos quem conhecíamos para uma reunião. Para a primeira reunião vieram 19 mulheres. Foi então que descobrimos que, no Brasil, em 1996, deveria ter 20 pessoas para formar uma cooperativa. Para a segunda reunião, vieram 35 mulheres. Decidimos formar uma cooperativa, porque tínhamos motivação comunitária e de cooperação.

Éramos mulheres com idade entre 18 e 76 anos. Tivemos uma reunião sobre cooperativismo, como ele funciona, tendo como exemplos algumas experiências positivas que existiam nos assentamentos dos sem terra.

Buscamos, então, o estatuto de uma cooperativa habitacional (COOTEPA) e o adaptamos para a nossa realidade. Todas as mulheres participaram de sua formulação. Debatemos artigo por artigo, e decidimos que o nome de nossa cooperativa seria "Cooperativa de Costureiras Unidas Venceremos Ltda."; mais tarde denominou-se UNIVENS, que é a abreviatura de Unidas Venceremos. Sempre acreditamos no real sentido deste nome. Foi um período muito difícil. Enviamos o estatuto para a junta comercial, para regularizar a Cooperativa, mas ele voltou várias vezes, para ser reformulado. A produção demorou para iniciar. Achávamos que era mais simples. Muitas mulheres desistiram. Nosso primeiro trabalho foi difícil, pois o valor era pouco e complicado para quem estava começando. Muitas de nós nem se conheciam, e estávamos trabalhando juntas.

Ao mesmo tempo formamos outro grupo, para produzir multimistura (complemento alimentar, composto de folha de aipim, farelo de arroz, casca do ovo, sementes e farinha de milho), indicado para desnutrição e prevenção de doenças diversas, como osteoporose. No começo era um trabalho voluntário, mas depois se transformou numa fonte de renda, pois participamos das licitações do Hospital Conceição, que adotou a multimistura e a distribuía temporariamente nos postos de saúde. Com o tempo, a Cooperativa passou a ter três frentes: da costura, da multimistura e, por último, da serigrafia, que estampa e personaliza os produtos da confecção.

A costura iniciou com facção, que é quando as peças de roupas já vêm cortadas. O que pagam é muito pouco, é a continuidade da exploração que vivíamos nas fábricas.

Avaliamos e repensamos a situação, e decidimos buscar a produção de um produto por completo: comprar a matéria-prima (o tecido) e fazer o corte e a confecção. Então começamos a produzir camisetas para sindicatos, colégios e, aos poucos, fomos produzindo também para fora de Porto Alegre. Mas o primeiro trabalho foi a tomada de preço do Sindicato dos Metalúrgicos de Porto Alegre, para 500 camisetas. Apresentamos o menor preço: compramos o tecido com cheque pré-datado, cortamos, confeccionamos, mandamos serigrafar e, em 15 dias, tínhamos recebido. Foi nossa grande realização. Então decidimos que trabalharíamos dominando todo o processo de produção.

Como nem todas tínhamos máquina, fizemos projetos para o CAMP (uma ONG) e conseguimos três máquinas. Mais tarde fizemos um projeto para a Cáritas, quando compramos mais duas máquinas. Além disso, ela nos ajudou a criar um fundo de capital de giro para a matéria-prima.

O grupo da multimistura também não tinha quase nada de equipamentos. Assim, fizemos um projeto para a Fundação Iosphi e equipamos o espaço com 1 fogão industrial, 1 liquidificador industrial, 1 botijão de gás e misturela para torrar o farelo. Com o apoio desta Fundação, também reformamos e azulejamos toda a cozinha do salão da Capela da Vila, que ficou em condições para conseguirmos o alvará da Secretaria da Saúde. Mesmo sabendo que a Cooperativa não poderia permanecer na capela permanentemente, todas entendemos ser a reforma um benefício que ficaria para a comunidade, além de ser uma contrapartida pelo uso do espaço.

Buscamos nos capacitar também profissionalmente e, nesse sentido, a SMIC (Secretária Municipal da Indústria e Comércio) teve uma importante parceria. Fizemos curso de costura, tear e de culinária, pois só a multimistura e as bolachas de multimistura, sempre com a mesma receita, durante 1 ano e meio, geravam uma renda instável. Então começamos a produzir cucas, roscas, panetones, folhados e outros.

Tivemos também curso de serigrafia. Por várias vezes formamos equipe, mas que tinha dificuldade em se consolidar.

Em 1998, com o orçamento participativo e junto à SMIC, conseguimos também o empréstimo de algumas máquinas, o que foi nos dando possibilidades e importância para um engajamento cada vez maior de mulheres no projeto.

Gostaria de realçar alguns aspectos da Cooperativa, que nos diferencia de muitas cooperativas tradicionais e que afirma, em toda nossa caminhada, princípios de autonomia, autogestão e solidariedade.

A administração da Cooperativa sempre foi um trabalho voluntário. Nos primeiros anos, tivemos um contador da própria

comunidade, José Vilela, que nos apoiava mais do que o que poderíamos remunerá-lo.

Todo o processo administrativo foi feito sempre por nós, sem termos o mínimo de experiência disso. Tivemos sempre quem acreditou em nós, mas nós tiramos as barreiras do caminho, fomos em repartições públicas que nunca imaginávamos. Fizemos todo o processo legal e burocrático como um aprendizado de vida. Talvez essa seja a primeira barreira a superar: acreditar que somos capazes, pois sempre nos disseram que a nossa função era vender nossa mão de obra, e que outros, com acúmulo de conhecimento universitário, fariam a parte administrativa. No salão da capela, onde trabalhamos durante quase 4 anos, estendíamos duas ou mais pranchas de compensado e cortávamos o tecido, malha, brim ou moletom. Assim, cada uma podia levar sua quantidade para costurar em casa e, depois de pronto o produto, trazer de volta para embalar. Não tínhamos trabalho permanente, e o telefone que usávamos era sempre o de uma das sócias. Nem todas permaneceram nesse projeto: algumas se juntaram em grupo menor e foram buscando serviço, sem que este retornasse para todas. Também nem todas aceitavam todos os serviços que conseguíamos. O temperamento de cada uma trazia discussões acirradas nos momentos de reunião, até encontrarmos o caminho e também um grupo mais definido, que se afinasse com a mesma compreensão e forma de trabalhar. Acredito que esse seja o lado mais difícil de avaliar, pois não podemos afirmar que quem se afastou de um projeto como este o tenha feito por menos compreensão ou por dificuldade de convivência. Mas podemos afirmar que uma equipe de incansável e profunda persistência permaneceu.

A motivação não é só financeira, pois criamos relações de família, de amizade, o que torna difícil o dia a dia quando não se está neste coletivo. É romper com uma história de vida e de muitas dificuldades e conquistas.

No cálculo do valor de nosso produto, não prevemos lucro: a diferença geralmente é porque às vezes o tecido rende mais

ou está em promoção, e precisamos conquistar mercado. Calculamos o valor do tecido, do nosso trabalho e o valor de notas (ICM, ISQN, INSS, Cofins e PIS). Ou seja, o tecido para uma camiseta custa "x", nosso trabalho custa "y" mais os impostos. O valor de uma camiseta produzida por nossa cooperativa mostra que ninguém está enriquecendo com o trabalho. Fizemos com amor e com prazer, porque é um produto nosso, e a qualidade garante nosso futuro. A Cooperativa repassa às sócias um valor acima do mercado, porque ela não existe para se tornar uma empresa com uma concentração de capital, mas para tornar viável nosso trabalho e nosso produto e para viver uma nova forma de gerir isso, onde a justiça está acima de tudo, onde valores esquecidos por essa sociedade capitalista sejam reconstruídos. A cooperação, a solidariedade dão um novo sentido para a vida, e vivemos como uma grande família. Quando iniciamos, cada uma de nós contribuía com 3% da retirada para pagar os papéis, passagens, contribuição ao contador, etc. Em 2002, essa contribuição passa para 5%, para buscarmos nossa sede definitiva.

Na costura cada uma recebe conforme o que produz. De certa forma, a divisão das peças é igualitária, respeitando as realidades de cada uma. Já no corte, na multimistura e na serigrafia, o recebimento é por horas trabalhadas, portanto, a divisão é igualitária entre as pessoas deste setor, que cumprem horas igualmente.

Nossas decisões sempre foram tomadas em assembleias mensais, sempre em torno do dia 23 de cada mês, das quais todas participam. Todas as discussões são feitas e, quando não há consenso, votamos e cada uma é um voto.

Sempre buscamos estar integradas a todas as iniciativas que vêm reforçar nossa compreensão do cooperativismo. Por isso, sempre participamos de debates, feiras, encontros, seminários, do Fórum Metropolitano e Municipal de Economia Solidária, tentando não centralizar a participação, mas abrir para que todas possam participar. Participamos de vários grupos, em várias cidades, colocando nossa experiência e depoimento. Essa expe-

riência já tem várias divulgações em televisão, como na TVCOM, Bandeirantes, TVE, RBS, Globo, SBT e TV Futura, e em diversos documentos, como livros, jornais e revistas. O nosso sentimento é de orgulho, mas também de responsabilidade, porque quem dera um dia termos tantas cooperativas que fosse possível construir uma grande rede, porque nós, os trabalhadores que sabemos produzir tudo que existe nessa sociedade, somos explorados por alguns, que concentram e enriquecem. Já imaginou nós administrando nossa produção de sapatos, de roupas, de comidas, de fogões? Acredito mesmo que este caminho pode nos levar ao início de uma sociedade de valores novos. Não precisamos nos digladiar em nossos fundos de quintais para sobreviver. O cooperativismo rompe os laços do individualismo e nos faz sonhar de novo. Os consumidores somos nós, e podemos viver uma reeducação.

Desde que a Cooperativa foi fundada, sempre participamos do Orçamento Participativo. Sim, porque o poder público tem que atender às necessidades de seus cidadãos. Qual e a maior necessidade hoje? O desemprego ou a falta de postos de trabalho, que nunca foram atribuições ou pautas para a administração municipal. Então começamos a participar deste debate. Entramos em 1997, demandando a necessidade de cursos de capacitação e empréstimo de equipamentos de trabalho. Participamos na região e na temática de desenvolvimento econômico também. Foi onde encaminhamos a necessidade de um espaço que se definiu como a primeira Incubadora Popular, que abriga o empreendimento da Economia Solidária.

A incubadora é um prédio que abriga grupos de produção, formais ou não, que ficarão neste lugar por um tempo e depois deixarão lugar para outros. A nossa grande expectativa e responsabilidade é que realmente esse projeto se afirme, porque, espalhando-o em toda a cidade, será um incentivo para esta forma alternativa, que gerará futuras cooperativas. Dessa forma, será um grande desafio, pois organizará a vida, a economia e aponta-

rá para essa alternativa de viver uma sociedade nova, com novos valores. E, no futuro não longínquo, construiremos a grande rede de produção e consumo cooperativado, sustentável e solidário...

Em 1998, no Orçamento Participativo, na temática do Desenvolvimento Econômico, conquistamos a incubadora popular, porque percebemos que não podíamos continuar no salão da capela, por causa das muitas atividades que aconteciam no mesmo espaço, e porque sabíamos que aquele espaço era provisório, ape-

sar do sempre apoio da diretoria da capela de então e do Padre Osmar.

Em 1999, nos transferimos para a incubadora popular, um prédio público. Ocupamos 3 módulos – os demais foram ocupados por outras cooperativas.

A incubadora, para nós, transformou-se num porto seguro, onde poderíamos ficar por 2 anos e renovar por mais 2. Tivemos a ajuda do COEP (Comitê de Luta contra a Fome) para reequipar todos os 3 setores com galoneira, reta, máquina de corte, freezer, batedeira industrial, amassadeira elétrica, liquidificador industrial, mesa de serigrafia com berços, secador, mesa de gra-

vação, telas de alumínio e computador com impressora. A alimentação teve mais cursos, em parceria com a Embrapa. Em 2000, criamos uma parceria com a artista plástica Cristiane e lançamos uma coleção de camisetas de Porto Alegre. A Fundação Luterana apoiou o projeto e, em um ano, retornamos com o dinheiro investido. Tivemos dois desfiles públicos (Asteca e outro no Mercado Público). Lançamos um catálogo para divulgar as camisetas que, na verdade, criam um fundo com sobra, para girar a matéria-prima com prazo.

Marcou profundamente a todos, neste período, a relação com pessoas de fora do Brasil. O mundo foi ficando pequeno para todas e todos com a realização do primeiro, segundo e terceiro Fórum Social Mundial e do primeiro e segundo Fórum Mundial da Educação. Foram eventos marcantes para a cooperativa. Financeiramente, foram de um retorno inigualável, mas o mais importante foi encontrar pessoas do mundo todo, que nos visitavam e afirmavam que nosso projeto nos fez bem a todos, além de nossos produtos (camisetas) serem espalhados pelo mundo. Os contatos locais, nacionais e internacionais eram perma-

nentes. Sempre a Cooperativa foi convidada para dar testemunhos em reuniões, debates, encontros locais e eventos.

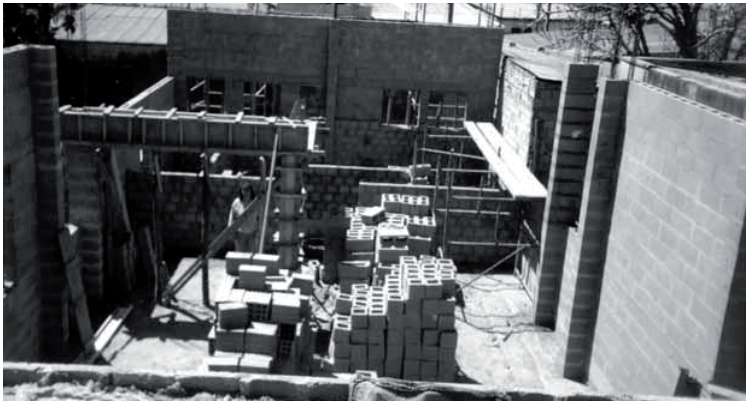
Em 2002 a Cooperativa ficou em terceiro lugar no concurso latino-americano de empreendimentos exitosos liderados por mulheres.

O desafio maior então passou a ser a conquista de um local definitivo para a Cooperativa. **Sempre tivemos o sentimento de encarar as dificuldades ou necessidades como desafios**. Conseguimos, com o passar dos anos, acumular certa economia para

a busca de um local definitivo para a Cooperativa. O ano de 2003 marca, também, a oportunidade de conhecer o outro lado do mundo, por meio de um intercâmbio proporcionado pela articulação da Unisol São Paulo com a Fesalc, de Barcelona, e a cidade de Badalona, na Espanha, através do Gabriel Abascal. De fato, esse intercâmbio abriu horizontes para novos conceitos. Hoje sei que é profundamente necessário repensarmos as diversas formas de trabalho, pois uma grande parcela da população busca e buscará o emprego, mas que o sistema não dará conta, pela nova forma como a economia se organiza. Além disso, outra parte da população quer outra forma de trabalho, que não seja submissa, mas que emancipe o trabalhador e sinta sua capacidade valorizada, e o melhor é quando ele descobre que esta forma pode ser coletiva.

A conquista de um local para construirmos nossa sede tem uma marca profunda na Cooperativa, pois é a economia de vários anos, durante os quais as sobras nunca foram divididas entre os sócios, mas reinvestidas. Além disso, fizemos economia por estarmos na Incubadora Popular da Prefeitura, onde contribuíamos com uma taxa simbólica, que, somada com uma complementação do Fundo de miniprojetos do CAMP e da Avesol, resultou no valor de R$38.500,00, que foi o valor do terreno.

CONSTRUIR... Não esperávamos mais esse desafio, e lá vamos nós. O engenheiro Everton (que se formou em universidade pública e queria dar um retorno social) doou o projeto arquitetônico, hidráulico, elétrico e sanitário. E vamos somando tantos parceiros... Da Espanha, vem o financiamento para a construção, e isso vem de fato ao encontro de tudo o que acreditamos, não há fronteiras para a solidariedade... O limite está na força de nossos sonhos e na ousadia de buscar e de construir relações que ampliam uma visão de mundo, dos problemas, das dificuldades e de onde queremos chegar. Parte do financiamento que veio da Espanha foi doação, e outra parte retornamos para a Unisol Brasil, para que pudesse apoiar outras cooperativas brasileiras.



Um intercâmbio como o que aconteceu em Barcelona abre os horizontes, e nos damos conta de que existem múltiplas formas de nos organizarmos, de criarmos alternativas novas, e de que existe, acima de tudo, NÓS, as pessoas, o mais importante. O trabalho deve nos realizar como pessoas, dar motivação para nossas vidas, o Estado-governo deve ter o papel de cuidar, proteger o cidadão, pois as pessoas são a maior riqueza de um país. Por isso, a importância de políticas para crianças, idosos, para a saúde, para que se tenha uma sociedade saudável, um povo que não se ressente em pagar imposto, pois vê ele revertido na proteção que ele precisa para uma vida decente.

Temos um grande projeto: participamos dos fóruns locais, estaduais e nacionais, assim como das coordenações da economia solidária. Ampliamos, também, a articulação e a importância de estarmos integrados. Estamos refazendo o que já devia ser dos trabalhadores, pois não podemos mais concordar que alguns trabalhem tanto e ganhem pouco ou quase nada, e outros enriqueçam por meio da exploração. Hoje existe, de fato, a possibilidade de construirmos uma CADEIA PRODUTIVA de algodão, de forma toda cooperativada e ecológica. Isso nos faz transbordar, pois poderemos oferecer um produto 100% cooperativado, cultivado por pequenos agricultores ou assentados do MST, que passa por outras cooperativas até chegar aqui, na ponta final. Imagine então com o algodão orgânico, um PRODUTO ECOLÓGICO E COOPERATIVADO. Com isso ganharíamos o mundo, pois conseguiría-

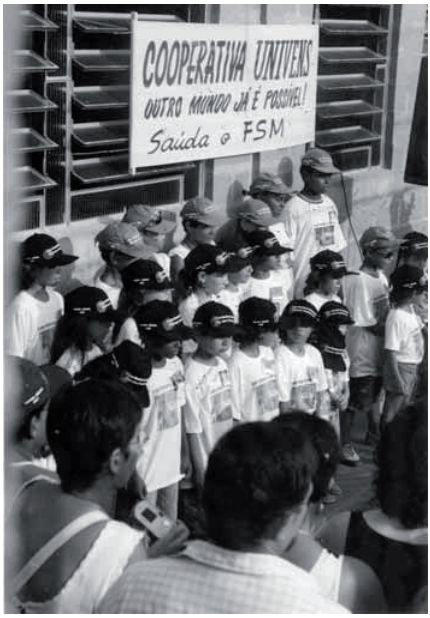
mos agregar valor ao produto e oferecer um produto diferenciado, que defende a natureza, a vida...

Dá para vibrar muito com tudo isso e dá para não parar de sonhar, sem jamais tirar os pés do chão. Isso nos motiva a levantar todos os dias e a transformar cada dia num dia diferente, pois conseguimos enxergar mais longe.

Temos preocupação com o desenvolvimento do Brasil e fazemos nossa parte em nível local: geramos renda para 27 famílias diretamente.

Estamos juntos tocando um centro social, o Nova Geração, como dissemos, que atende mais de 50 crianças, em diversas situações econômicas e sociais. Assim, sentimos que somos uma cooperativa que tem compromisso com a realidade em nossa volta, com o meio ambiente, produzindo uma nova forma das pessoas se vestirem, realmente preservando o meio ambiente.

Sentimos o que sentiram os trabalhadores do início da era industrial vendo seus postos de trabalho sendo substituídos por máquinas, em função da modernização da tecnologia, da informatização. É, então, um desafio criarmos novas formas de trabalho, nos prepararmos para termos empreendimentos capazes de enfrentar quem está com a concentração de riqueza. E não importa o que seremos, se cooperativas, microempresas solidárias, sociedade anônimas laborais ou associações, pois o que é fundamental mesmo é termos nossos princípios sólidos, princípios de uma ECONOMIA SOLIDÁRIA, que fortaleçam um novo tipo de mercado, que façam uma real distribuição de renda e que criem produtos que não destruam nosso planeta, que preservem a vida, pois, senão, que sentido tem tudo isso se não buscar a profunda realização do ser humano, sua felicidade?



A Cooperativa Univens inaugura sua sede durante o FSM em 2005, em uma grande festa com a comunidade, com representantes da Economia Solidária de vários estados e com os apoiadores internacionais. Foi um evento muito marcante. Durante este mesmo FSM, foi lançada a cadeia solidária do algodão orgânico, que mais tarde seria a JUSTA TRAMA, tão sonhada.

Aqui seguem alguns depoimentos, feitos em 2003, que mostram o que significa a Cooperativa para algumas cooperadas, pois, neste período, ainda metade das sócias estava desde o início, e o que fez isso na vida de cada uma:

• Edilia Tejada, fundadora da Cooperativa (23 de maio de 1996)

A Cooperativa, depois da minha família, é uma das coisas mais importantes da minha vida. Ela me trouxe muitas amizades e muitos conhecidos, em todos os sentidos. Conheci muitas pessoas importantes, as quais eu jamais teria a chance de conhecer sem a Cooperativa. A Cooperativa é muito importante, porque nós não temos patrão, nós somos donas do nosso próprio negócio, que faz as coisas que todas nós decidimos juntas. A maior expectativa é a nossa sede e muito trabalho, para que possamos crescer cada vez mais.

• Gladis Terezinha Spotti, na Cooperativa desde janeiro de 1999

A Cooperativa é uma fonte de dignidade e renda para mim e meus filhos. Eu estava sem trabalho, tinha pedido demissão pra cuidar do meu filho excepcional e muito preocupada, porque eu não sei ficar sem o meu dinheiro e sem minha expectativa de nada. Um dia minha amiga me emprestou um livro sobre anjos, que dizia que pedidos feitos com fé eram sempre atendidos. Pedi um trabalho que oportunizasse cuidar do meu filho ao mesmo tempo. Logo uma amiga que ajudou a fundar a Cooperativa me convidou para trabalhar. A princípio eu recusei, achei que não daria conta do trabalho, e porque o pagamento era tipo facção, insignificativo para muito trabalho. Hoje estou realizada, o sa-

lário é bom, justo e pontual. Eu espero poder ajudar a Cooperativa a crescer, e espero que possamos falar dela no futuro como um empreendimento que deu certo, que passou de geração em geração, "nosso orgulho". Meu filho disse que gostaria muito de trabalhar na Cooperativa também. Ele se orgulha do nosso trabalho.

- **Iracema Becker da Silva, fundadora da Cooperativa (23 de maio de 1996)**

A Cooperativa é tudo para mim; eu consegui construir a minha casa, é o meu trabalho, minha fonte de renda.

- **Irocilma da Silva Rodrigues (falecida), fundadora da Cooperativa (23 de maio de 1996)**

A Cooperativa é minha fonte de renda, pois é dali que ganho meu sustento e pago minhas contas mensais. Espero que continue assim! Sou uma das sócias fundadoras da Cooperativa Unidas Venceremos. Eu me orgulho muito por termos conquistado, com nosso esforço, tudo o que temos. Espero que este leque se abra para outras pessoas que também precisam. Agora estamos realizando mais um sonho: ter nossa própria sede para trabalhar.

- **Isaurina Alzira da Silva, fundadora da Cooperativa (23 de maio de 1996)**

Em maio de 1996, comecei a participar da Cooperativa que, para mim, tornou-se a minha família, minha fonte de renda e meu estímulo de vida. Foi na Cooperativa que eu aprendi a participar e a conhecer quanto é bom ter pessoas que valorizam o teu trabalho. É bom saber que somos um grupo muito unido. Eu agradeço à Nelsa por ter se lembrado de mim para um trabalho tão gratificante que é este na Cooperativa. Expectativa: cons-

truir o nosso prédio para a nossa Cooperativa, e que nós consigamos ter o nosso produto em todo o Brasil e que a Cooperativa continue participando sempre.

- **Maria Aparecida Anastácio, fundadora da Cooperativa (23 de maio de 1996)**

Significa antes de tudo uma vida profissional concretizada, uma segunda família. A Cooperativa mudou minha rotina de vida, porque agora eu posso trabalhar em casa, dar assistência a minha família e também ajudar nas despesas da casa. Espero que a Cooperativa possa crescer, desenvolver-se cada vez mais e dar trabalho a muito mais gente que, assim como eu, precisa trabalhar. A Cooperativa significa dignidade, trabalho e oportunidade de crescer, tanto como pessoa quanto como profissional.

- **Maria Helena Tollens (falecida), fundadora da Cooperativa (23 de maio de 1996)**

A Cooperativa, para mim, significa fazer o que eu gosto, que é costurar, ganhar o meu próprio dinheiro e, futuramente, me aposentar, sem deixar de costurar. Desejo que a Cooperativa se torne cada vez mais conhecida no mercado, por mostrar a capacidade de produzir com melhor qualidade os seus produtos. "Sucesso, Cooperativa, te amo!"

- **Terezinha Dormelles Franca, fundadora da Cooperativa (23 de maio de 1996)**

A UNIVENS significa muito, significa a minha sobrevivência, pois dali eu tiro o meu sustento, o meu salário. Desejo que a Cooperativa UNIVENS cresça muito, para que possa servir de exemplo para outras cooperativas, pois assim eu terei muito orgulho de um dia ter participado deste empreendimento.

Este é um texto para as cooperadas que já partiram (faleceram): Ione, Irocilma, Solange, Custódia, Odilha e Maria Helena. Também para as que estão hoje em outros projetos, para as que desistiram, para as que têm orgulho desta história construída, para as que permanecem até hoje neste trem da Univens.

Trem da Vida

Do livro PCE, de Antonio Andriolo e Pe. Roque Giehl

A vida não passa de uma viagem de trem, cheia de embarques e desembarques, alguns acidentes, surpresas agradáveis em alguns embarques, e grandes tristezas em outros.

Quando nascemos, entramos nesse trem e nos deparamos com algumas pessoas que, julgamos, estarão sempre nessa viagem conosco: nossos pais. Infelizmente, isso não é verdade; em algumas estações eles descerão e nos deixarão órfãos de seu carinho, amizade e companhia insubstituível. Mas isso não impede que, durante a viagem, pessoas interessantes, e que virão a ser superespeciais para nós, embarquem. Chegam nossos irmãos, amigos e amores maravilhosos.

Muitas pessoas tomam esse trem apenas a passeio; outros encontrarão nessa viagem somente tristezas; ainda outros circularão pelo trem, prontos a ajudarem a quem precisa. Muitos descem e deixam saudades eternas, outros tantos passam por ele de uma forma que, quando desocupam seu assento, ninguém sequer percebe.

Não importa, é assim a viagem, cheia de atropelos, sonhos, fantasias, esperas, despedidas... Porém, jamais haverá retornos.

Façamos essa viagem da melhor maneira possível, aproveitando, de cada um, o que tiverem de melhor. Lembrando sempre que, em algum momento do trajeto, eles poderão fraquejar e, provavelmente, precisamos entender isso, porque nós também fraquejamos muitas vezes e, com certeza, haverá alguém que nos entenderá.

O grande mistério, afinal, é que jamais saberemos em qual parada desceremos, muito menos nossos companheiros, nem mesmo aquele que está sentado ao nosso lado.

Que seja um desafio permanente construir esse mundo que tanto sonhamos, e, se nós, nesse momento da história, estamos aqui, não é por acaso. Temos um desafio reservado. E ninguém nos substituirá, porque somos especiais, somente substituirão nossa função. Temos constribuições fundamentais que marcam a história e, portanto, devemos ser persistentes para não deixar um vazio nesta história. A profunda realização mesmo está na construção coletiva, pois essa traz a mudança do verdadeiro mundo possível.

ESTAMOS FAZENDO O IMPOSSIVEL.

A Justa Trama – cadeia produtiva solidária e economia solidária

Até 2003, vários ensaios foram feitos para criar uma articulação entre os vários elos da cadeia têxtil, porém, na sua maioria, sem continuidade, muito mais motivados por técnicos e assessores do que por incorporação das cooperativas e associações. Neste período, havia a CONES (Cooperativa Nova Esperança SP), a ADS (Agência de Desenvolvimento Solidário da CUT– Central Única dos Trabalhadores) e o Esplar. Mais tarde, juntaram-se a Textilcooper – Cooperativa de Tecelagem e a Univens (Cooperativa de Costureiras Unidas Venceremos do RS).

A ADS elaborou textos sobre os complexos cooperativos e, no complexo cooperativa têxtil, fez demonstrativos de como isso poderia concretamente acontecer. É um texto de 2002, bastante motivador. Na página 44 ele diz: *O principal objetivo deste projeto é promover articulação entre os atores de diferentes segmentos da cadeia produtiva têxtil visando a produção de têxteis orgânicos de algodão, respeitando os princípios do comércio solidário.* Em seguida, faz uma análise de cada etapa do processo produtivo e de cada ator possivelmente envolvido.

Em outubro de 2003, houve um intercâmbio em Barcelona, organizado pela UNISOL São Paulo e patrocinado pela Fesalc, da Espanha, e a prefeitura de Badalona.

A UNISOL São Paulo proporcionou a participação de duas cooperativas, que fariam parte da construção da cadeia: Univens e Cones. O mais importante é que, neste intercâmbio, tive acesso ao material da ADS e voltei extremamente convencida de que esta articulação deveria acontecer.

No início de 2004, por ocasião da reunião da ADS, realizamos, paralelamente, uma reunião do maior número de representações: Textilcooper, Univens, Esplar, CONES e apoiadores, como Eli e Egeu. E começamos a enfrentar todas as dificuldades. A primeira era que a Textilcooper precisaria de um tear para poder tecer a malha. O então Deputado Federal Paulo Pimenta abriu uma agenda no gabinete do Ministro do Trabalho Ricardo Berzoini, do Governo Lula. O chefe de gabinete nos atendeu (Nelsa e Egeu), e apresentamos todos os números e a importância e o significado do projeto. Ele achou que era um bom projeto e, assim, a Fundação Banco do Brasil financiou o tear circular, contemplando o projeto feito pela ADS, para ser instalado na Textilcooper. Com certeza foi uma grandiosa conquista. Agora já poderíamos ter malha, moletom...

O que, neste período, era mais difícil, era enfrentar a afirmação de que este projeto era para o futuro, e futuro significava pelo menos 5 anos, e não queríamos e nem poderíamos aceitar esta espera.

No RS vários grupos e cooperativas se animavam com a ideia e as possibilidades. No Fórum Brasileiro de Economia Solidária isso também foi para o debate. E assim, mais dois novos componentes se animaram e se aproximaram para esta discussão, promovida pela Univens: a Fio Nobre de SC, na época uma empresa familiar solidária, que produzia cordões e fitas para calçados e fazia roupas de tricô e também produzia com teares manuais, e a cooperativa Açaí – RO, uma cooperativa de artesãos que, com o beneficiamento de sementes, produzindo também botões, articularia a Amazônia, de onde viriam nossas tintas naturais.

Em final de julho de 2004, fundamos a Unisol/Brasil, num momento em que a economia solidária crescia muito, tanto em números como também em vários setores pelo Brasil afora. Víamos também que, com certeza, seria um espaço especial para a construção desta cadeia. Agora temos nossa central de representação, fazemos parte também da direção executiva. Tem um sig-

nificado especial para a luta de economia solidária e fortalecimento dos empreendimentos sermos nós os empreendedores e, ao mesmo tempo, os que dirigem uma entidade que fala pelos empreendimentos. Tudo muito novo e desafiador.

Em setembro do mesmo ano (2004), o FBES (Fórum Brasileiro de Economia Solidária) organiza o 1º Encontro Nacional de Empreendimentos da Economia Solidária e proporciona encontro por setores, o que anima mais ainda a criação desta cadeia.

E já estávamos em clima para o 5º Fórum Social Mundial, que aconteceria em janeiro de 2005 em Porto Alegre.

Nos primeiros dias de dezembro de 2004, reuníamos, em São Paulo, a Univens, Fio Nobre, Textilcooper e CONES, além de assessores da ADS e Unisol. Queríamos fazer algo bem concreto, fazer a primeira compra da ADEC, que estava com 1 tonelada e meia de algodão, para termos os primeiros produtos no Fórum Social Mundial.

A reunião foi tensa, difícil, não conseguimos financiamento e saímos bastante fragilizados. A Cones estava desanimada, porque era mais uma das tantas reuniões que não concretizava nada na prática, e só apareciam empecilhos. Na verdade, havia agora o algodão, mas não tínhamos fontes de financiamento para adquirirmos esse algodão, já que todos tínhamos dificuldades financeiras.

Decidimos, então, que iríamos encarar as 60 mil sacolas do FSM, como uma grande prova de nossas capacidades. A Univens coordenou a produção e a negociação com mais 35 empreendimentos de costura e mais 2 de fiação e tecelagem, desde o fio da CONES, o tecido da Textilcooper, e grupos e cooperativas do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. São elas: Cooperveste, Sambaqui, Associação Estilo, Assoc. Xancoong, Cooperativa Finotoque, Unicoos, Ser Azul, Shalon, Sanathorios, Cooperuni, Arte e Estilo, Emílias, Três Marias, Coop. Gerasol, Coop. Xará, Coop. Musc, Aproder, Flor de Lis, Rustchic, Nsa. Sra. de Fátima, Coop.

Construsol, Afrocruz, Atelier Farias, Nosso Estilo, Vitoryes, MST Serigrafia, Coopermodas, Mãos Amigas, Campo da Tuca, Seriação, Grife Morro da Cruz, Bem-me-quer, Fio Nobre, Coop. Univens, Coop. Textilcooper e Coop. Nova Esperança.

Foi um grande aprendizado, porque, neste processo, conseguimos que a confecção agregasse valor, ou seja, as costureiras ganharam o dobro por produzir esta sacola, além de todo o crescimento político de ver seu fruto percorrer o mundo. No final, houve uma sobra; foi decidido, por todos, que ela seria dividida por igual, independente da quantidade que cada um produzira. Era uma sobra de R$ 400,00 para cada empreendimento. Ao todo, o FSM pagou menos que no Fórum Social Mundial de 2004. Nossa sacola havia custado R$ 4,50. Foi um período curto, onde todos cresceram, pois teve empreendimentos que fizeram todo o processo: corte, costura e confecção; outros só faziam uma parte, e isso também ajudou a solidariedade e o compromisso. Houve quem tivesse que refazer o trabalho, o que foi compreendido pelos demais. No depoimento do empreendimento Construsol, que teve que refazer parte das sacolas, nos emocionou a todos pelas

demonstrações do que realmente estamos construindo, e que podemos, dentro desta sociedade capitalista, estabelecer entre os trabalhadores valores e princípios fundamentais que também viabilizam a própria produção.

Foi uma grande história, e não poderíamos mais ter nenhuma dúvida sobre nossa capacidade e sobre nossas potencialidades.

No FSM, em janeiro de 2005, nos encontramos todos: Univens, Açaí, Fio Nobre, Textilcooper e Adec. Só não foi possível a CONES participar. Fizemos nossa oficina, com depoimento de cada um dos elos e mais o do presidente da UNISOL, Cláudio (Metalcoop). Estávamos lá lançando e decidindo nosso futuro. Lá decidimos o que iríamos produzir. Foi o primeiro momento, do qual participou, além do Esplar, também a Adec, portanto, os agricultores, e decidimos priorizar alguns produtos: camisetas, sacolas, bermudas, calças, cangas, batas, entre outros.

Cada um dos elos ia à frente de todos explicar com banner, amostras ou cartaz, o que o empreendimento produzia. Não houve muita gente na oficina, pois ela coincidiu com a vinda do Presidente Lula ao FSM, mas, para nós, foi um momento marcante, foi como o lançamento oficial desta construção.

Durante o FSM, Loide, da Têxtil, e Nelsa, da Univens, procuraram a SENAES (Secretaria Nacional de Economia Solidária), representada por Sonia Kruppa e Fabio Sanches, para a possibilidade de financiar a primeira produção. Deram-nos sinal positivo e começamos a elaboração do projeto, que foi concluído por Egeu, no valor de R$ 108.000,00, em nome da Cooperativa Univens. Como o recurso demorou, a Unisol e o Sindicato dos Metalúrgicos de Porto Alegre antecipou o empréstimo e, assim, fizemos a compra de 1,5 toneladas de algodão agroecológico da ADEC.

Iniciamos todo o processo de construção da marca junto à agência "Lavoro". Esse foi outro momento marcante, que mostrou atuação muito forte da Univens com a Fio Nobre. Neste momento estávamos sem recurso, e trabalhamos muito mais por

sonhos, dedicando-nos gratuitamente, pois estávamos determinados nessa construção. Idalina se desloca para o RS, quase uma aventura, ficando na beira da estrada na Freeway, contando com a solidariedade de motoristas até chegar à Univens. Avançávamos juntos no debate. Reuniões aos sábados, a Univens parando a produção para pensar junto nomes: Algodão Doce, Algodoaria, Algodão Brasileiro, entre outros.

O nome que ia afinando era Algodão Brasileiro, mas as pessoas para quem contávamos diziam que o nome não convencia; também alguns de nós argumentavam contra, pois achavam que o nome limitava ao território brasileiro.

Eliminamos todos os nomes por voto; outros estavam eliminados porque já existiam como marca. A última sugestão veio por e-mail, de Egeu e Cris (Coop. Versus) que, na verdade, tinham duas sugestões: Justa Trama ou Trama Justa. Esses nomes soaram no ouvido e no coração de todos, porque expressavam o que queríamos: construir uma justa trama. O nome já diria tudo por si só: seria nossa trama e, também, o tramado de fios...

Como não foi possível lançar as primeiras peças e a marca no FSM, decidimos que a lançaríamos em novembro, no Fórum Mundial do Turismo, no Rio de Janeiro. Para isso, precisávamos correr contra o tempo.

Era preciso definir que estilo de roupas iríamos fabricar. Fizemos uma oficina (Univens/Fio Nobre) e apresentamos o que cada um tinha. Foi um período em que as sócias criavam e apresentavam ideias, e, assim, chegamos à primeira produção: camisetas (regatas e baby loock), ciganas, bermudas, calças, corsários, bolsas, batas de tecido tipo pólo, batas femininas, blusas de tricô, bolsas de tear, saia de malha de babado. Imprimimos as estampas de alguns animais típicos e de outros em extinção, como mico-leão, abelha, borboleta, golfinho, arara...

Mesmo sentindo que faltaria algo que desse mais vida, esse era nosso primeiro lançamento, algo nunca vivido antes por nós. Havia, para o Rio de Janeiro, uma expectativa de um desfile em

Copacabana, como parte da abertura do Fórum Mundial do Turismo, com a participação de artistas. No andar de tudo, por um desentendimento do Governo Estadual do Rio de Janeiro com o municipal, e mais a desarticulação interna da Economia Solidária local, isso não foi possível. Nada do que havia sido previsto aconteceu.

Organizamos um ônibus, que saiu de POA com sócios da Univens, passou por Santa Catarina, onde pegou sócios da Fio Nobre, e em São Paulo, onde embarcaram sócios da CONES e Textilcooper. Enquanto o pessoal viajava para o evento, acontecia a reunião da articulação, da qual participaram: Univens (Nelsa, Isaurina e Rodrigo), Textilcooper (Loide e Antonio), Fio Nobre (Márcia e Idalina), Esplar (Pedro Jorge), Adec (Dario), Coop. Açaí (Dalvani) e Cris, Egeu, Denise e Aroldo, da Senae. Colocamos as peças no meio da sala e começamos a tratar de valores, composição de preços, o que compreendia cada etapa. Dário, da Adec, defendeu que deveríamos buscar valores justos, que tornassem o projeto sustentável e que, ao mesmo tempo, permitia que, quem produzisse, pudesse adquirir as peças produzidas. Foi um dos momentos em que mais houve crescimento coletivo e no qual realmente pudemos viver o que é um comércio justo. No final, agregamos valor a todos os elos e colocamos mais um valor, que geraria um fundo para sustentar todo o processo de produção, e cada um ao seu tempo, pois os agricultores do Ceará plantam em março, colhem em junho/julho e a fiação e tecelagem vai até o final do ano. Ou seja, até chegarem as vendas, passa praticamente 1 ano, e não é possível aguardar esse tempo para cada elo receber.

Mas também decidimos dois valores diferenciados: valor para quem vende, 10%, e valor para sócios, 20%, pelo menos. Era importante que os sócios fossem os primeiros a usar este produto e que a venda e as feiras os motivassem.

Outro aspecto importante foi a embalagem: não poderíamos entregar um produto ecológico em uma sacola de saquinho

plástico. Então decidimos pela sacola de papel tipo craft, que, além de contar quem somos, também chama para o compromisso com o meio ambiente.

E o lançamento do Rio de Janeiro? Acabou acontecendo na favela do Cantagalo, no espaço Criança Esperança, sem nenhuma divulgação. As crianças, os adolescentes e os pais que lá estavam, além de comunidades da Economia Solidária local, assistiram ao desfile realizado pelas meninas da comunidade do Rio de Janeiro. Além do desfile, fizemos uma fala de cada elo da cadeia. Não deixamos a peteca cair. As meninas do desfile estavam muito lindas, o que nos animou muito e, enfim, este foi o marco de nosso lançamento. Os cooperados sócios que foram

estavam fascinados pelo RJ e, portanto, todos saíram bastante animados.

Estava assim lançada a cadeia do algodão ecológico Justa Trama para o Brasil e para o mundo; e isso nos parecia muito.

Neste evento, decidimos que cada elo teria um representante que participaria das reuniões e representaria a cadeia; atuariam como uma coordenação: Cooperativa Univens – Nelsa, Fio Nobre – Idalina, Textilcooper – Loide, Cones – Rodney (confirmado mais tarde), Adec – Chagas, Cooperativa Açaí – Dalvani e no apoio Esplar – Pedro Jorge e Denise – Unisol Brasil. E quem é exatamente cada um desses grupos/cooperativas e associações?

Associação de Desenvolvimento Educacional e Cultural de Tauá – ADEC

A ADEC foi fundada em 1986, no município de Tauá (CE), por iniciativa de grupos de mulheres artesãs. Em 1993 redirecio-

nou suas atividades para a Agricultura Familiar, organizando a produção agroecológica de algodão, milho, feijão, gergelim e nim, contando com aproximadamente 150 agricultores.

Cooperativa Nova Esperança – CONES

Localizada no município de Nova Odessa (SP), é uma empresa recuperada pelos trabalhadores. A CONES é composta por **320 trabalhadores,** que realizam a fiação do algodão. Compunha o segundo elo da cadeia produtiva na produção e no fornecimento dos fios agroecológicos para a produção de tecidos e malha.

Cooperativa Têxtil de Sto. André – Textilcooper

Localizada no município de Santo André (SP), a Cooperativa foi uma empresa recuperada, cuja produção maior é de cobertores. Tem em torno de 90 trabalhadores. Participou ativamente nos fóruns de economia solidária e na Unisol Brasil. Tecia e nos fornecia o tecido e também a malha.

Cooperativa de Trabalho dos Artesãos do Estado de Rondônia – AÇAÍ

Localizada em Porto Velho (RO), é composta, então, por 100 **associados**, sendo que cada um destes com produtos e técnicas diferenciadas. Os principais produtos são: a reciclagem, tra-

balhos em cestaria, madeira, côco, marchetaria, sementes, entre outras. Trabalha também com as sementes, transformando-as em colares, pulseiras, brincos, cintos e outros acessórios. Além de participar dos Fóruns Municipal, Estadual e Brasileiro de Economia Solidária, a Cooperativa Açaí desenvolve importante trabalho social junto a mulheres detentas. É a responsável pela quinta etapa do processo produtivo.

Cooperativa de Costureiras Unidas Venceremos – UNIVENS

Localizada em Porto Alegre (RS), foi fundada em maio de 1996, por mulheres entre 18 e 70 anos, que resolveram formar a Cooperativa para enfrentar o desemprego e a expulsão do mer-

cado de trabalho. Tem **23 associadas**, agregando os serviços de serigrafia ao da costura, personalizando, assim, qualquer tipo de produto. Participa ativamente do Fórum Municipal, Estadual e Brasileiro de Economia Solidária e da Unisol Brasil. Integra o quarto elo da cadeia produtiva, confeccionando peças masculinas e femininas em escala, tais como camisetas, calças, jaquetas, vestidos, moletons.

FIO NOBRE

Localizada no município de Itajaí (SC), então uma microempresa solidária, no modelo associativo, que já estava no mer-

cado há 12 anos, participando ativamente dos Fóruns Municipal, Estadual e Brasileiro de Economia Solidária. Formada por **9 associados,** que produzem cordões e fios diversos para o ramo calçadista, confecção e roupas artesanais. Compõe o quarto elo da cadeia produtiva, com desenvolvimento do design e confecção das roupas em tecido com detalhes artesanais, peças em tricô e bolsas em tear.

Já estávamos na segunda produção em 2006, com 2 toneladas e meia de algodão, pois era referente à colheita de 2005. Essa foi a última produção feita pela Textilcooper, pois, no final de 2006, fecha-se a Cooperativa. Por motivos financeiros e de gestão, realmente não conseguiu mais dar continuidade. A Justa Trama não daria viabilidade porque ainda tínhamos uma produção muito pequena de algodão.

A Justa Trama vai ficando conhecida pela participação em várias feiras nacionais, e sempre participa com um desfile bem peculiar. As pessoas que desfilam são altas, baixas, brancos, negros, homens, mulheres, gordos, magros. É o povo da Economia Solidária assumindo sua própria marca.

Ampliamos a produção para novos produtos, como vestidos, jaquetas, calças femininas, cangas diversas. Em 2006 elaboramos um novo projeto, através da Unisol, para SENAES e Fundação Banco do Brasil, para equipar melhor todos os elos. Esse projeto só acontece, de fato, em 2008, e conclui-se em 2009.

Em julho de 2006, o programa Globo Repórter (Globo) apresentou a construção da cadeia do algodão como uma das iniciativas que demonstram a capacidade sem limite dos trabalhadores. É um grande momento, pois lança a cadeia para os meios de comunicação. Mesmo sem aparecer a marca, é uma grande conquista, pois a divulgação do trabalho se deu no horário nobre, em cadeia nacional.

Em 2006, participamos (Nelsa, Idalina e Dalvani) do encontro ibero-americano de cooperativismo na Venezuela, nós e mais uma grande delegação do Brasil, junto com todos os países da América Latina e Central, além de Espanha e Portugal.

Depois deste evento, fomos convidados pelo governo de Hugo Chávez, pelo Ministério do Desenvolvimento, para uma

visita. Fomos: Dalvani, Chagas, Idalina, Ronildo, Manuel, Loide, Nelsa, e Allan Dias (Verso).

Durante 10 dias, estivemos na Venezuela para desenvolver, com os diversos elos, a perspectiva da construção da cadeia de algodão de lá. Foi um momento bastante marcante. Neste evento, durante o qual ficamos juntos por todos esses dias, decidimos que a próxima produção teria um olhar para flores ou plantas típicas de cada região do país. Assim surgiu a coleção de camisetas:

- Tramando ecologia – algodão em pluma;
- Tramando sustentabilidade – flor do algodão;
- Tramando a preservação da Amazônia – vitória régia – norte;
- Tramando lazer – Canoa Quebrada – Nordeste;
- Tramando resistência – Mandacaru – Nordeste;
- Tramando diversidade – café – Sudeste;
- Tramando fortalecimento – araucária – Sul;
- Tramando cultura – hortência – Sul.

Durante os dias em que ficamos na Venezuela, percorremos os vários elos da cadeia. Fomos super bem recebidos e recepcionados em cada local. Contávamos nossa história duas vezes por dia, a grupos diferentes. Léo, representante do governo, nos acompanhou permanentemente. Deitávamos tarde e acordávamos bastante cedo, como o dia em que voltamos de São Cristóvão, depois das 2h da manhã e, às 6h, já estávamos saindo para a nova etapa.

O governo havia transformado o que aqui seria o nosso "SENAI" em um grande articulador e formador de cooperativas. Era uma formação profissional e também política, onde todos se apropriavam da história do país e dos princípios socialistas BOLIVARIANOS defendidos pelo governo. Conheceriam profundamente os mártires e lutadores da América Latina. Formada a cooperativa, o governo repassava o valor para adquirir

todo o maquinário e, após cinco anos, iniciava a devolução do investimento.

O governo fomentou, entre os anos de 2004 e 2006, a criação de mais de 1.000 (um mil) cooperativas de confecção, e todos com capacidade e máquinas para produzir uniformes militares. Porém não havia mercado para tanto. Na verdade, foi criada uma expectativa nesta população, que necessitava ser readaptada.

Outro fator é que a Venezuela importava praticamente 80% de tudo o que consumia. Então há, por parte do governo, muita vontade de abrir novos mercados e fazer com que o país seja autossustentável, com uma economia local.

Além de nós, havia uma equipe da Nicarágua, do movimento dos Sem Terra do Brasil, dos médicos de Cuba, das habitações da Colômbia...

Durante nossa ida, tivemos audiência com a ministra "Oli", ocasião em que todos apresentaram seu trabalho. Também a Venezuela enviava expedições para outros países, para levar o trabalho e para trazer muito da experiência, como era o caso da Argentina. Neste dia, Hugo Chávez reuniu vários países da América. O discurso foi de 3h e, no final, ele chegou até nós, onde nos apresentamos.

Lá nos reunimos com várias costureiras, sempre que dava uma folga no programa. O marcante foi um encontro com várias cooperativas em Araranguá, já organizadas com coordenações. Motivamos o grupo para que construíssem uma cadeia com a cara de seu país. Nenhum de nós falava espanhol, mas, no final, todos arriscavam algumas palavras.

Fomos até São Cristóvão, onde havia uma cooperativa de fiação e tecelagem que resultou de uma empresa recuperada. Os maquinários são mais atualizados, e ajudou a reavaliar o nosso controle de qualidade.

Nesta cooperativa estava sendo instalado um posto de saúde para toda população, com médicos cubanos. A cooperativa

estava bem inserida na comunidade e também nos princípios socialistas.

A visita mais difícil foi aos agricultores de Cabruta, no norte da Venezuela, divisa com o rio Orinoco. Com as chuvas, o rio fica cheio durante cinco meses. Quando cessam as chuvas, o rio libera as margens e então plantam o algodão. São mais de 5 espécies de agrotóxicos aplicados. É uma cidade muito pobre, e os agricultores também. O calor é de 40 graus e as casas todas são cobertas por zinco. Viajamos 6 horas na ida e 6 na volta, por uma estrada em péssimas condições, acompanhando queimadas. Por momentos parecia nosso sertão brasileiro. Reunimos os agricultores. A primeira reação deles foi medir a produtividade, e concluíram que eles produziam mais com a monocultura e utilizando agrotóxicos.

Na verdade, precisaríamos mais tempo para esta contabilidade e convencimento, pois eles não calculam os custos com os venenos, a própria perda da saúde e o que estão fazendo com o rio jogando todo esse veneno e o recipientes nele.

No final, reunimos os representantes e o governo, organizamos todo um plano, sobretudo por parte dos tecelões, que queriam muito uma política para que o governo os subsidiasse.

Propuseram-nos que permanecêssemos lá por alguns meses, para um acompanhamento mais contínuo. Nós, por outro lado, nos propusemos a voltar, pois colocamos nossa prioridade no Brasil e na nossa construção, que ainda não está consolidada.

Mesmo que alguns momentos tenham sido difíceis, sobretudo em Cabruta, onde a alimentação foi precária e o local onde dormimos também, a experiência foi muito importante para nosso crescimento. Ela marcou a todos e, com certeza, voltamos profundamente fortalecidos e mais convictos do quanto é importante o que estamos construindo.

O ano de 2006 é de muito crescimento. Em agosto, nossa reunião foi em Fortaleza. Em Caracas havíamos decidido que cada reunião seria em uma cidade diferente, para que todos conhecessem todos os elos da cadeia e para que pudéssemos também conversar com os cooperados daquele elo. Fomos conhecer o plantio, o "roçado" e, depois, fomos até Tauá, onde fica a Adec. Conhecemos todo o processo de transformar o algodão de rama em pluma. Os agricultores ficaram emocionados ao verem o algodão que plantaram se transformando em roupas. Sentiram-se, de fato, parte desta construção.

Tauá fica a 5 horas de Fortaleza. Os agricultores são realmente corajosos. Também sentimos o reconhecimento dos agricultores pelo Esplar, pelo acompanhamento técnico e político que faz a todo este trabalho, e também como trabalha o respeito da autonomia. Em Choro, participaram também os agricultores de Quixadá.

Todas os municípios em que é plantado o algodão (Choro, Tauá, Massapé, Santana, Juazeiro do Norte, Canindé e Quixadá) ficam no sertão do Ceará. Assim, a seca é realmente a marca. A presença das cisternas (coletoras das águas da chuva) alivia, mas, para o plantio, não é o suficiente.

Agora todos os elos se aprofundaram no plantio. Ver o plantio consorciado, as dificuldades dos agricultores, as pragas como

o bicudo e a lagarta, mas também o profundo convencimento do plantio agroecológico confirmou-se em uma adesão convicta.

Neste período de 2006, o Paraná, através da Maethenus, faz o primeiro plantio para a Justa Trama. Estivemos duas vezes em Maringá; na segunda vez, foi em Moreira Salles, conversando com agricultores e mulheres costureiras.

Iniciamos 2007 com a produção do algodão de 2006 e, desta vez, fomos para três toneladas na Adec. Pela primeira vez tecemos a malha e o tecido fora da cadeia das cooperativas, pois a Coopertextil não continuava mais. O dono retomara o prédio, e as máquinas e os trabalhadores se dispersaram. Poucos ficam com o antigo dono. Loide começa a buscar novas alternativas, com muitas dificuldades, pois as dívidas recaem sobre o representante jurídico, no caso, ela.

A malha é um pouco mais encorpada, mas, no pré-encolhimento, ela vem mais clara que nos anos anteriores. É muita malha, e a sala da Univens se enche de rolos. Fios para cordão e parte do tecido mais leve vão para a Fio Nobre. Ampliamos para novos produtos, como vestidos, bolsas de tear diferentes, começamos a fazer protótipos de calçados com a cooperativa Renacoop. Temos catálogo com os produtos e, em abril de 2007, lançamos nossa página: www.justatrama.com.br. Estabelecemos contato com França e Espanha, e lá se vão nossas peças para o exterior. Foi o ano em que atendemos demandas de até 800 camisetas. Isso foi nos animando. O Paraná colheu 8 toneladas de pluma, e foi preciso buscar recursos para que os agricultores não se decepcionassem e recebessem logo o valor correspondente à produção. Percebemos que precisaríamos melhorar nossa comercialização.

O ano de 2007 é o ano mais difícil. Sempre tínhamos mais problemas e desafios para enfrentar do que o próprio crescimento que deveríamos conquistar. Eram desafios demais, e os recursos com as vendas não voltavam na proporção que tínhamos que repassar a cada elo.

Nossa reunião acontece em Rondônia, na cooperativa Açaí, no mês de maio de 2007. Nesta reunião, estavam, além de Dalvani e Farias, Chagas, Idalina, Nelsa, Pedro Jorge, Denise e Mariana, da Unisol. Esta reunião marca a visita às presidiárias que produzem peças com sementes e as beneficiam e aos coletores de sementes à beira dos rios. Andamos de barco no rio Canindé, onde todos se impressionaram com as condições em que vivem as pessoas e se assustaram com a falta de segurança nos barcos, que encontram redemoinhos nas águas. Além disso, todos se impressionaram também com os trabalhadores, que colhem açaí subindo nos pés, finos e muito altos, sem nenhuma proteção. Eles sobem descalços e com um machadinho em uma das mãos, e descem deslizando, rapidamente, segurando o machadinho e o cacho de açaí.

O açaí-semente vem em caminhões para São Paulo e, portanto, é bastante desvalorizado. Quem de fato ganha é o atravessador e não o ribeirinho que colhe e beneficia a semente.

Como muitas pessoas trabalham com colares e brincos de sementes e tem, nessa atividade, sua única fonte de renda, este trabalho é bastante desvalorizado. Assim, é preciso construir o diferencial para realmente poder agregar valor. Estão sendo realizadas várias oficinas no presídio. As presidiárias nos pediram para serem incluídas neste projeto, pois isso dará a elas uma nova perspectiva de vida, um sentido, pois têm uma ocupação enquanto estão no presídio e uma esperança para quando saírem de lá.

Nesta reunião, decidimos onde buscar o recurso para pagar o algodão do Paraná: optamos pelo empréstimo junto a Unisol Finanças. Além disso, nos empenhamos para buscar um acerto com os vários pontos de comercialização e as representações de vendas, que são geralmente pessoas da Economia Solidária nos Estados. Além de toda essa compra, do Paraná, ficamos com mais duas toneladas do algodão de 2007 da Adec, para tocarmos em 2008. No ano de 2008, estávamos produzindo fios, tecidos, malhas e confecção de 10 toneladas de algodão em pluma.

Durante o período do final de 2007 e início de 2008, desenvolvemos, em todos os elos, menos no Ceará, um plano de qualificação setorial (Planseq), promovido pela Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes). Todos nós nos qualificamos profissionalmente, obtendo, também, formação sobre democratização de informações e interiorização sobre a cadeia.

Ainda em 2007, em agosto, em Porto Alegre, realizamos a assembleia da fundação jurídica da Justa Trama, que passa a ser registrada somente em 13 de janeiro de 2008. Nesta assembleia, tivemos uma representação bem maior, e fizemos uma discussão bastante aprofundada. Estavam presentes: Marcelo Mauad (advogado da Unisol), Arildo (pres. da Unisol), Lino e Chagas (Adec), Farias, Dalvani e Antonia (Cooperativa Açaí), Benedita

e Marcelo (Cones), Sandra (Coop. Stilo), Neide (Paraná), Idalina, Ismael, Márcia (Fio Nobre), Nelsa, Luana e Patrícia (Univens), Pedro Jorge (Esplar), Denise, Marileia e Mariana (técnicas da Unisol) e Romeu, da Prefeitura de Santo André. Elegemos nossa primeira direção e aprovamos o Estatuto. A direção, para 3 anos, ficou assim constituída:

Diretora presidente: Nelsa
Diretora tesoureira: Patrícia
Diretora secretária: Idalina
Conselho Fiscal: Dalvani, Farias e Antonia – Açaí
Ismael e Margarete – Fio Nobre,
Luana – Univens

A Cones não compôs, neste primeiro momento, porque a filiação depende da decisão da assembleia geral, que se realiza no 1º trimestre. A Adec também não compôs porque é uma associação. Mas, na direção, de fato, estarão presentes sempre com 1 representante.

Todos saímos tranquilos do encontro, apesar dos desafios, cada vez maiores. Estaremos abrindo uma exceção para a Itália e exportaremos 1 tonelada de fio. Mas a inquietude vem do assunto trazido por Pedro Jorge, que informou que uma nova lei está para tramitar, que libera o território nacional para o plantio de algodão transgênico e só impede esse plantio no território da Amazônia, no norte da Bahia e em uma pequena área da Paraíba. Isso realmente ameaça todo nosso projeto. Precisamos realmente nos mobilizar, sobretudo na preservação da região Nordeste como um todo.

Nossa perspectiva cresce com novos produtos enviados para a Itália e também com a ONG Tauá, na França. Estamos ampliando as negociações e as vendas.

Estamos em 2008, que será o ano da ampliação e consolidação da Justa Trama. É hora de convites para grandes eventos e de colocar toda essa construção para o mundo. Queremos também construir a cadeia das sementes da Amazônia. Por isso, es-

taremos indo em todos os estados para fazer o debate e ajudar a construir uma proposta similar à Justa Trama, só que com algodão agroecológico. Que, assim, se construa também a cadeia das sementes da Amazônia, que unirá vários empreendimentos da economia solidária e de vários Estados.

A iniciativa do estado do Ceará se amplia com mais agricultores. Agora são em torno de 300 agricultores, 320 fiadores, 20 tecelagens, 45 costureiras e artesãos. Portanto, são 735 famílias envolvidas diretamente. Sabemos o que estamos construindo e estamos cientes do compromisso direto de construção de outra economia, onde é possível conciliar justiça social com distribuição de renda e preservação do meio ambiente. É possível os trabalhadores se organizarem sem atravessadores, que concentram renda, e fazer todo o processo desde o plantio, a industrialização e a comercialização.

É um avanço que aponta crescimento no plantio e em todo o processo. Assim evoluímos:

Justa Trama, na colheita de 2004 – 1,5 tonelada
2005 – 2,5 toneladas
2006 – 3 toneladas
2007 – 8 toneladas
2008 – 10 toneladas

É um projeto onde as energias se somam e no qual há muita coragem e mão de obra voluntária. Muitos se somam, por se identificarem com esse projeto, e o crescimento é um sintoma de que estamos no caminho certo. Cada consumidor desta cadeia é um adepto de outro tipo de consumo e de outra forma de viver, de outros valores e, sobretudo, é um comprometimento com o planeta e, portanto, com a vida

O Instituto Ecotece adaptou para o português, no Brasil, o vídeo Fibra Ética: Algodão Orgânico, em parceria com a Ong "Pesticide Action Network – PAN UK". O Instituto esclareceu, ainda, que a produção de algodão orgânico no Brasil precisa ser desenvolvida, pois o acesso ainda é restrito. Encontrar uma rou-

pa feita com algodão orgânico no mercado brasileiro hoje é raridade. Por isso, é tão importante o acesso à informação, para ampliar a consciência quanto à situação atual.

Os consumidores, ao pressionarem o mercado, têm o poder de mudar essa realidade:

1) O Brasil é um dos cinco países que mais utilizam agrotóxicos no mundo.
2) São utilizados 160g de agrotóxicos para produzir algodão suficiente para confeccionar uma camiseta que pesa 250g.
3) 25% dos inseticidas produzidos no mundo são utilizados na plantação do algodão convencional.
4) Um hectare de lavoura de algodão utiliza oito vezes mais agrotóxicos do que um hectare de lavoura de alimentos.
5) 1 kg de agrotóxicos contamina 1 bilhão de litros de água.
6) 80% das doenças existentes no mundo resultam da escassez ou da poluição das águas.
7) Brasil: 6% do território mundial detém 12% da água doce do mundo.

É por isso que a Justa Trama é uma proposta de desenvolvimento sustentável, que vem para ajudar a construir esse Brasil que tanto sonhamos.

O ano de 2008 é marcado, na Justa Trama, por uma interiorização, no sentido de organizar cada um dos elos e fazer com que o período de qualificação do Planseq de fato nos fortaleça. Em janeiro de 2008, conseguimos realmente registrar a Justa Trama, sob o CNPJ nº. 09440188/0001-63, com o endereço sede no mesmo prédio da Univens: Affonso Paulo Feijó, 501, em Porto Alegre. O ano inicia com o fortalecimento da região norte, onde acontecem etapas de formação nos 6 estados: Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá. Dalvani, Idalina, Nelsa e Mariana vão a todos os Estados para aprofundar novas possibilidades de produtos, bem como contribuir na organização e gestão de cada um, sempre na perspectiva de uma nova cadeia,

mas com outro perfil. Nosso algodão no Paraná está com dificuldades de liberação para chegar até a Cones. Temos, portanto, 2 toneladas da Adec e mais as 8 toneladas do Paraná. É um crescimento rápido demais no plantio. Na verdade, deveríamos estar andando mais rápido na etapa da produção e comercialização das peças, pois os agricultores já estão plantando novamente no Ceará e estarão colhendo entre os meses de junho e julho.

É um momento de muita avaliação de todo o processo de produção, da qualidade de nosso produtos e da necessidade urgente de mudanças e de inovações mais rápidas.

Em janeiro ocorre uma reunião em São Paulo. A Fio Nobre e a Univens desenvolvem, pelo Planseq, vários produtos; na reunião, os mesmos são avaliados e liberados para produção. Para o mercado externo, continuamos recebendo avaliação de que a malha precisa ser mais encorpada. Agora já temos manequins nas 3 cooperativas. Já é o terceiro ano em que participamos da Biofach, que é uma grande feira de produtos ecológicos.

Temos momentos muito importantes com os agricultores de Moreira Salles, que colheram o primeiro algodão ecológico. Agora acontece um diferencial: o algodão é plantado e cultivado em forma de mutirão. São em torno de 10 agricultores que trabalham juntos em uma mesma área. A avaliação feita pelos agricultores é que foi a melhor experiência. Um deles afirma que nunca mais vai plantar um pé de algodão se não for da forma consorciada e ecológica. Agricultores que já tiveram toda uma vida lidando com venenos e agrotóxicos se propõem a nos aguardar para plantar em 2009. Acertamos a quantidade de algodão cultivado e eles dividiram entre si as responsabilidades, com tempo igual para todos cuidarem da colheita. Ainda se propuseram a deixar um valor para uma grande confraternização com as famílias.

A Adec tem uma boa colheita e se expande para os 9 municípios. Agora temos 8 toneladas. Somados com os que ainda estão sendo processados, temos à nossa espera 10 toneladas só com a Adec. Conseguimos pagar os empréstimos feitos com a Unisol Finanças, mas temos outra, atrás da qual precisamos correr. Na verdade, estamos com o tempo correndo e tudo está sendo mais lento do que gostaríamos que fosse.

A Cones tem um grande problema com uma máquina, o que atrasa toda a produção. Durante a reunião em São Paulo, todos vamos à Cones. Nos reunimos com toda a direção e insistimos para fazerem parte da central, incorporando-a à direção. Para nós todas é um momento de grande aprendizagem, pois muitos não conheciam como era a fiação. Foi também, no primeiro semestre, que recebemos e-mail de Leila, da Cones, informando que na Assembleia Geral não havia sido aprovada a filiação. Por parte da Justa Trama, há disposição de buscar uma cooperativa que incorpore o projeto, não nos interessa uma cooperativa fazer simplesmente a facção de fio, pois este pode ser feito com qualquer empresa. Queremos uma cooperativa que venha

pra dento do projeto. Temos problemas com o fio que foi feito, pois a demanda da Itália é com fio 30, e este foi feito em pequena quantidade.

Diferente do ano de 2007, quando Idalina esteve na feira da Sana, na Itália, este ano foram somente nossos produtos, com a apoiadora da Lachichola, Débora.

Conseguimos a aprovação de um projeto com a Nexus (Ong da Itália) para matéria-prima e para construir uma sala na Univens, para que a Justa Trama tivesse uma sala específica.

Neste ano de 2008, a Justa Trama é convidada a participar da Terra Madre, na Itália, e decide, então, que será representada por Nelsa e Chagas.

Em setembro, acontece a reunião que completa o ciclo de se reunir cada vez em um estado diferente, para que o elo local se aproprie da Cadeia. É a vez da Fio Nobre, em Itajaí. Marca a realidade de uma cidade portuária e cercada pelas águas. É onde temos o melhor espaço de comercialização: o Centro Público

Na reunião em Itajaí, decidimos dar um grande passo no design, com a empresa ex-madame (Ronaldo foi indicado por Tadashi); participaram os 3 sócios. É nesta reunião que abrimos contato com a Horizonte Têxtil, que fará nossa malha. Mas o melhor de tudo é que descobrimos a Coopertextil, que fica em Pará de Minas, estado de Minas Gerais. É uma empresa recuperada – hoje cooperativa – que faz fio e tecido. Denise, em outubro, foi até a Cooperativa para conhecê-la e fazer contatos.

Assim acontece que nossa malha fica com melhor qualidade, e neste estágio, sendo produzida na Horizonte Têxtil. É o ano em que ampliamos os tipos produção em malha e passamos a produzir também moletim e malha Piquet. O tecido é produzido na Coopertextil.

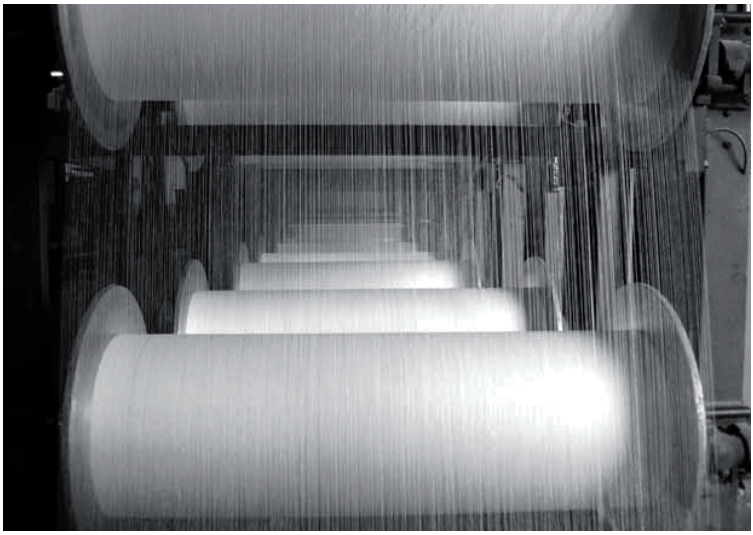
Marca um momento de boas relações internacionais. Intensificamos as relações comerciais com a Itália. A tonelada de fio vai para Made in Nó. Neste mesmo período participamos, na

Itália, em Turim, de um grande evento, Terra Madre, com mais de 8 mil participantes do mundo todo, todos com produtos e fibras naturais. Ficamos na cidade de Biella, e o evento foi em

Turim. Após o encontro, estivemos por dois dias com Luigi, da Libero Mondo, em Novara, BRA, onde fica a Libera Mondo, e nos encontramos com Sabina, da Nexus. Abrimos novos negócios de camisas polo e bolsas, na área do comércio justo (Espanta Passari), na cidade de Genova. Também nos reunimos com a FAIR, para viabilizar a exportação de fio. Isso tudo acontece de 23 a 29 de outubro de 2008. É neste período que nos apropriamos mais do que é a fiação, a tecelagem e nos confrontamos mais com os custos. Vivemos o período mais difícil de entender os valores que repassamos a Cones, pois, em todo o processo até aqui, sempre parecia que a Cones não tinha ganhos em fazer fio nesta quantidade. Com a Coopertextil conhecemos melhor os valores pagos pelo mercado e os valores que a Cones recebe de nós, que são, por exemplo:

Algodão fio 30.1: para Cones, é R$ 6,03 o kg; na Coopertextil, R$ 2,91 o kg.

Algodão fio 8.1: para Cones, é R$ 3,48 o kg; na Copertextil, R$ 1,41 o kg.



Ainda: o valor que pagávamos é do algodão processado e não tem como base o fio produzido. Com isso, percebemos que, na verdade, havia um valor agregado em fazer nosso produto. Isso acabou desmistificando, para nós, o conceito que só valia fiar apenas nosso algodão se fosse para nos ajudar, sendo inviável economicamente.

A relação com a CONES fica difícil enquanto nos afinamos com a Coopertextil. Além dos valores, que vamos compor juntos no conceito de justiça e distribuição de renda, a Coopertextil vinha a compor a cadeia solidária. A Coopertextil tem valor diferenciado se fica com o resíduo. E ainda o valor é definido e referente ao fio que fica pronto no final.

A sala, na Univens, fica pronta. As máquinas do projeto de 2006 chegam a todos os elos. Encerramos, em 2008, com dois grandes desafios: aprofundar o processo de gestão, com controle mais profissional, e aprimorar o design e os acabamentos, com

uma apresentação mais impactante de nossas peças. Há um consenso de que os próximos dois anos serão especiais, pois a Justa Trama precisa se consolidar com a abertura de mercado. Encerramos consolidando a ideia do fim da consignação.

O ano de 2009 inicia recompondo a própria Justa Trama, consolidando os elos que já estão constituídos, ou seja, Adec, Fio Nobre, Coop. Açaí, Univens e Coopertextil. Este será o ano no qual consolidaremos definitivamente a fiação e a tecelagem.

Do Fórum Social Mundial em Belém, participam Nelsa, Idalina, Márcia, Dalvani e Chagas. Participamos de oficinas. Comercializamos e realizamos nossa oficina com a sala cheia, desta vez com a exibição do vídeo Coopera Brasil, que apresenta todos os elos da cadeia.

Recebemos a confirmação do pedido da Itália e levamos as amostras definitivas. Projetamos um crescimento importante, pois já temos os primeiros protótipos da coleção que vamos lançar. Reformulamos o conteúdo do site e também implantamos novos programas de controle.

Esse FSM foi de muita emoção, pois foi, no de 2005, que nós damos este grande passo. Hoje já estamos há anos vivendo um momento especial e dizemos ao mundo todo que o mundo que queremos para nós é bem real e está acontecendo aqui e agora. É uma mistura de ecologia + ideologia + economia. E isso é possível mesmo de acontecer. O filme Coopera Brasil – Justa Trama é uma expressão dos sentimentos de cada elo e, ao mesmo tempo, dos coletivos que deles fazem parte e que fazem seguir para esta grande Trama.

O ano de 2009 marca a participação da festa do Comércio Justo, na Espanha, através de nossa entidade parceira deste país, mais propriamente Catalunha, CONOSUD. Durante o ano anterior, ela fez várias oficinas e atos, em várias cidades da região,

sobre a Justa Trama, informando e envolvendo mais cidadãos, apresentando esse outro modelo de organização e produção dos trabalhadores do Brasil, para que se apropriassem de para onde vão os recursos. É o resultado das iniciativas de cooperação do primeiro mundo com o terceiro mundo. A diferença que isso faz para a vida das pessoas envolvidas é imensa. Participei das atividades pela Justa Trama, e vi que esta ação foi profundamente marcante e fortalecedora para toda essa construção. Participaram outros representantes, de outros países, bem como outras organizações. A iniciativa abriu muitas possibilidades, como apresentar a Univens, nesta sua nova fase, que se consolidou pelo apoio que veio deste país, esclarecendo o quanto isso se transformou e respingou para a construção da Justa Trama. Ao chegar no final da jornada de mais de quinze dias, a Santi, com uma pasta, apresenta um plano de possibilidades de comercialização e mercado alternativo neste país e, exatamente, em Barcelona e Catalunha. Foi como materializar algo que não havíamos vislumbrado ainda anteriormente. Hoje, mais do que nunca, está claro o que é ser parceiro: é ser companheiro de jornada, é partilhar do dia a dia, é construir juntos um projeto. A parte com que cada um entra é diversa e sempre surpreendente, pois não é uma troca, é um completando o outro com o que tem de melhor. É isso que encontramos nos tantos companheiros de Conosud. Repete-se este sentimento com a Nexus, na Itália.

Revivemos isso também com a participação do Terra Futura, em Florença, a maior feira do Comércio Justo da Itália. Uma grande banca do empreendimento Made In Nó, com roupas íntimas, parte delas feitas com nosso fio. Também, ao encontrar a FAIR, que faz toda a exportação, encontrar Luigi, que abriu este caminho, reforça as possibilidades e sonhos. Eleonora, empenhada em sua tese, escrevendo parte de nossa história e de nossos depoimentos de vida, também se insere neste contexto.

Muito caminhamos! A Fio Nobre, com projeto da Petrobras, vem, com sua nova sede, dando um novo fôlego à Coopera-

tiva. A Cooperativa Açaí está na perspectiva de conquista de seu espaço. A Adec tem novos equipamentos. Na vila onde está a Univens, surge o Centro Social Nova Geração. É um espaço que abriga, desde 2006, crianças da comunidade que não estavam em uma escolinha ou creche, em função dos valores que teriam que pagar para isso. Nosso público são filhos da Univens e crianças que, por diversas situações econômicas ou sociais, precisam deste espaço. Em 2009 atendemos 70 crianças, com uma cooperativa de educadoras organizada. O espaço se amplia para outras atividades, como o grupo de mulheres na alimentação, e outras iniciativas com jovens. Há, também, atividades culturais. Além disso, é um espaço de alfabetização de adultos. Este espaço também foi sonhado com nossos parceiros da Conosud, e com Angel Merino, que sempre teve vontade de apoiar um trabalho com as crianças, ainda quando era prefeito da cidade de San Feliu, quando fomentou em nós essa possibilidade.

Aqui creio que podemos dizer que construir a economia solidária é isso: é o compromisso com uma mudança onde você vive, que traz desenvolvimento na melhoria de vida, mas também possibilidades de acesso, para que as pessoas sintam que tem um lugar neste mundo, e que é possível vivermos num mundo melhor, onde os filhos tenham um lugar legal para se prepararem para o presente e para o futuro. Construir, para os jovens, outra possibilidade e outras perspectivas. Que as mulheres possam dançar, ter alegria de viver, e que o mundo não se feche na família ou na não família, mas que existe um mundo mais amplo e que a vida pode ter outras possibilidades.

Sabemos que este país só mudará com mudanças locais, mas também são necessárias ações que apontem para uma visibilidade nacional. Por isso, a Justa Trama é tão especial e importante para nós: ela se espalha por todo o Brasil, para ser grande e construir de verdade outra economia, com valores que sempre sonhamos, sem patrão, dividindo o ganho de forma equitativa, construindo um comércio justo.

Para continuar a luta, o que também nos dá um grande impulso em 2009, foi nossa seleção como projeto de TECNOLOGIAS SUSTENTÁVEIS, entre os 40 dos 430 projetos de vários países, promovido pelo instituto Ethos. Igualmente nossa classificação, no mesmo ano, pela World Changemakers, entre os 10 selecionados dos 437 projetos de 55 países. O programa Changemakers promove modelos de alto impacto social como soluções para problemas mundiais. A iniciativa proporciona destaque internacional para essas alternativas inovadoras, com o objetivo de conseguir ampliar sua escala e inspirar novas práticas. Também, em 2009, a Fundação Banco do Brasil selecionou a Justa Trama como uma tecnologia social.

Seguindo os anos de 2010 e 2011, a Justa Trama, de fato, consolida-se com o quadro de associados de 5 estados e em 4 regiões do Brasil. Ainda retorna para a Espanha, nos dois anos, Idalina, para a semana do Comércio Justo. Em 2011, também Cris participa, apresentando a pesquisa que fez junto à Justa Trama.

No ano de 2011, apresentei a Justa Trama no FIEES, no Canadá, onde fomos selecionados e convidados entre os mais de mil empreendimentos da economia solidária do mundo.

No final de 2011, se afilia à Justa Trama a APOMS, que é a Associação de Produtos Orgânicos do Mato Grosso do Sul. Localiza-se em Pontaporã, no assentamento Itamarati, formado por 3 mil famílias assentadas. Trata-se do maior assentamento do Brasil, onde é plantado o algodão Rubi e Verde. O cultivo inicia com 7 agricultores, em 2011. Agora, a JT está nas 5 regiões do Brasil.

Nos percalços de secas, muitas chuvas, enchentes, vamos construindo essa cadeia que percorre o Brasil. Buscando recursos onde estiverem, seja com parceiros nacionais, como Unisol, FBB, Sebrae ou FLD, seja com internacionais, como a Nexus, Conosud ou Garraf. Mas sempre fortalecendo cada empreendimento filiado.

Em 2012, a Cooperativa Açaí, com um projeto para a Conosud, da Espanha, conquista sua própria sede.

A Cooperativa Açaí fez um grande esforço para buscar recursos de impacto para enfrentar a pior seca do Nordeste e ter acompanhamento técnico para que os agricultores não desistissem dos plantios do algodão. Também já está no nosso foco construir a sede própria da Justa Trama. Neste curto tempo, 3 das filiadas conquistaram sede própria: Univens, Fio Nobre e Açaí. A Adec ampliou sua sede. Isso é uma expressão de ousadia e luta permanente, além da importância da integração. As reuniões continuam cada vez em uma das bases da Central. A comercialização dos produtos avançou bastante, especialmente com produtos corporativos e em feiras, e, ao mesmo tempo, crescem as vendas pela internet.

Em 2012 temos um reforço no administrativo, com a contratação da Leticia, que contribui na organização administrativa e especialmente na comunicação, que tem forte contribuição na ampliação da comercialização.

Em 2013 apresentamos projeto para a Petrobras, para avançarmos no acompanhamento técnico aos agricultores do MS e do CE. Outro projeto prevê a sede da Justa Trama, com uma lavanderia avançada, que possibilita o tingimento natural. Isso, entre outras tantas necessidades. O projeto é aprovado e dá uma grande injeção a todos os elos. Todos os elos serão contemplados nas especificidades e, ainda, no aspecto coletivo da cadeia. Neste mesmo ano, no MS, temos a mudança da afiliada da JT, que deixa de ser a APOMS, por ter esse caráter mais estadual, e passa a ser a AEFAF, que é a Associação Escola Família Agrícola da Fronteira, e se localiza exatamente no Assentamento Itamarati, onde acontece o plantio do algodão.

Esse processo e exemplo da cadeia produtiva é motivadora para outras cadeias e também se propõe a dar os primeiros passos para que estas se concretizem. Em 2011 inicia a articulação para a criação da Cadeia Solidária Binacional do PET, e a inspiração é a JT, que faz os primeiros contatos com a Coopima, do Uruguai, ainda em 2010. A Cadeia tem um formato diferente, pois é a primeira cadeia binacional. Os catadores juntam e com-

pactam as garrafas pet, através de centrais criadas pelas cooperativas e associações de catadores, para produzir o flake, que é enviado para o Uruguai, onde a Coopima produz fibra. Esta vem para o Brasil, onde a Coopertextil produz o fio e o tecido de pet. Portanto, todas são cooperativas da Economia Solidária. O impacto com os catadores é direto, pois aumentará de 50 a 100% o valor do pet hoje coletado nos galpões. São mais de 9 mil trabalhadores beneficiados diretamente.

Em 2011, Tarso Genro assume o governo no Estado do RS, e sou convidada a compor o governo do Estado, já que é criada a primeira Secretaria Estadual de Economia Solidária do Brasil. Assumo como diretora de Economia Solidária. Esse processo mereceu muita reflexão, pois assumir este desafio reflete a representatividade que tem toda essa trajetória. Se em todo tempo questionamos a ausência do Estado, agora chegara a hora de assumirmos um novo desafio, atuando de forma direta na gestão, articulando e fazendo com que a política pública de fato se estaleça na economia solidária, tendo responsabilidade mais direta. Se já percebemos tantas mudanças positivas que ocorreram no Brasil desde que assumiu o governo Lula e, depois, com Dilma, podemos simplesmente ignorar este espaço? Ou devemos levar todo esse acúmulo e fazer política pública com o olhar de quem vem do movimento, o olhar de trabalhador? Sem me afastar da Justa Trama em nenhum momento, e sim acumulando mais responsabilidade, vamos construindo outras cadeias produtivas, e tantas leis quanto programas que possam dar continuidade e fortaleza a esta estratégia de desenvolvimento que é a Economia Solidária. E as conquistas vêm.

Esse processo influencia também internamente a Justa Trama, que pauta prefeitos e secretários locais para também interferirem nas políticas públicas que beneficiam seus associados, mas que se estendem a todas as demais iniciativas.

O ano de 2012 tem marcas fortes, como a aprovação da Lei das Cooperativas, que reduz a sete o número mínimo de pessoas necessárias para formar uma cooperativa. Também a lei do

Estado do RS que isenta de ICMS as cooperativas com faturamento até 360 mil anuais, e que, para faturamento maior, define um percentual pequeno. Isso tudo beneficia a grande maioria das cooperativas da Economia Solidária, ou podemos afirmar que todas, pois só volta ao índice anterior à lei aquelas que alcançarem um faturamento anual de 4 milhões de reais.

A Economia Solidária do RS pauta seu fortalecimento com a constituição de 6 cadeias solidárias:

– Cadeia solidária binacional do pet;
– Cadeia solidária das frutas nativas;
– Cadeia solidária da lã;
– Cadeia solidária do peixe;
– Cadeia solidária do osso;
– Cadeia solidária das pedras.

Além da estratégia da certificação, para dar identidade universal à Economia Solidária e abrir portas de entrada com critérios regulamentados, as Casas de Economia Solidária se consolidam como espaços permanentes de formação e qualificação e, sobretudo, de comercialização.

LEIS que possibilitaram os maiores avanços no setor:

• DECRETO 48688 DE 15.12.2011

Regulamentou o Conselho Estadual de Economia Solidária, a partir Lei nº 10.683, de 20 de outubro de 2010, que instituiu a Política Pública de Fomento à Economia Solidária no RS.

• LEI N.º 13.874, DE 28 DE DEZEMBRO DE 2011

Publicada no DOE n.º 250, de 29 de dezembro de 2011. Institui **tributação diferenciada de ICMS para cooperativas.**

• LEI N.º 13.922, DE 17 DE JANEIRO DE 2012

Publicada no DOE nº 013, de 18 de janeiro de 2012. Estabelece a Política Estadual para Compras Governamentais da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais e da Economia Popular e Solidária – **Compra Coletiva/RS** – determina que 30 % das compras públicas de produtos e serviços sejam da economia solidária e da agricultura familiar.

• LEI Nº 12.690, DE 19 DE JULHO DE 2012

Lei federal que dispõe sobre a **organização e o funcionamento das Cooperativas de Trabalho**; institui o Programa Nacional de Fomento às Cooperativas de Trabalho – PRONACOOP; importante especialmente porque reduz para 7 o número de pessoas para formar uma cooperativa no Brasil.

• DECRETO 50.285 DE 30 DE ABRIL DE 2013

Institui a Política Estadual de **Certificação dos Empreendimentos Econômicos Solidários**, nos termos do inciso II e parágrafo único do art. 17 da Lei nº 13.839, de 5 de dezembro de 2011. Certifica o processo de organização dos empreendimentos, identificando-os, priorizando seu acesso às políticas públicas.

• DECRETO Nº 50.459, DE 3 DE JULHO DE 2013

Regulamenta o Programa de Economia Popular e Solidária no âmbito do Estado do Rio Grande do Sul, instituído pela Lei nº 13.839, de 5 de dezembro de 2011. Permite o aporte de investimentos direto aos Empreendimentos, possibilita a criação do Fundo Público.

Depoimentos

Seguem alguns importantes depoimentos, colhidos em 2014, de pessoas que estiveram muito perto ou envolvidos de forma bem direta na construção da Justa Trama.

Chagas Maia (dirigente fundador pela Adec)

A Cooperativa Central Justa Trama, como organização do terceiro setor, é uma Cooperativa que agrega outras cooperativas, sendo denominada, por essa razão, de Cooperativa de 2º grau. Iniciou suas lutas em 2005, sendo oficializada como Cooperativa Central Justa Trama em 2008. Sua construção se deve às iniciativas de luta da Cooperativa Univens, em Porto Alegre, pela força das mulheres.

Atualmente são filiados a ela seis empreendimentos solidários, formando uma importante rede de cooperativas e associações, como entidades de Economia Solidária, com diferentes atores situados de norte ao sul do território brasileiro.

A Cooperativa Central "Justa Trama" tem como importante missão fortalecer a rede de empreendimentos de Economia Solidária, impulsionando o desenvolvimento local, socioeconômico, cultural e ambiental de cada empreendimento. E isso tem sido feito com muita garra desde o princípio de sua fundação pelas principais dirigentes.

Destaca-se, no cenário nacional e internacional, impulsionando várias categorias de trabalhadores para o ingresso no cooperativismo e na implantação de Cadeias Produtivas, de acordo com a necessidade local de cada produto.

Para mim, sua importância está acima de qualquer instrumento regulatório, pois se trata de uma entidade com pessoas integradas e comprometidas, de um saber reflexivo, presentes no cotidiano de muitas lutas, fruto de um resquício provindo das Cebs.

Seu trabalho, como experiência já aplicada, tem a construção e consolidação da "Cadeia Produtiva do Algodão Agroecológico no Brasil", formado por seis elos, que vão do plantio do algodão ao produto final, a confecção das roupas. Todos esses elos da cadeia da Justa Trama formam um grande coletivo, que se reúnem sistematicamente nos diferentes locais, em cada Estado, onde debatem e planejam todas as ações, tendo como resultado a inserção no mercado das roupas ecológicas, eliminando os atravessadores e agregando, assim, mais valores aos trabalhadores de todos os elos.

Além disso, tem como experiência pioneira o associativismo, partindo da implantação da Univens Cooperativa, com a participação inclusiva das mulheres, implantação da Cadeia Produtiva do Algodão Agroecológico no Brasil, seguida da cadeia do Pet, e a participação em outros movimentos como o Fórum Social Mundial, etc.

Portanto, acredito num futuro promissor da Justa Trama, na continuação das lutas acima citadas e na consolidação das mesmas, agora com a nova proposta de "Orçamento Participativo" nas organizações, apontando para uma nova responsabilidade administrativa, na transparência a partir das organizações da sociedade civil na continuação da luta, não perdendo de vista a implantação do Orçamento Participativo em cada Unidade Pública da Federação.

Assim sendo, a Justa Trama será, no futuro, a grande entidade propulsora de transparência e funcionamento sustentável de todas as organizações.

José Ribeiro (dirigente desde a filiação da Coopertextil)

A grande importância da JT é despertar, nas pessoas, a oportunidade de refletir diferente do que sempre foi mostrado como única alternativa de trabalho, que é o vínculo empregatício, ás vezes desumano e submisso.

O planeta vem mostrando as consequências de sua destruição pela humanidade. A exploração consciente dos recursos, além das técnicas corretas, irá ser uma das poucas alternativas para sua recuperação lenta e gradativa. Essa é uma proposta já apresentada pela JT, no sentido de sustentabilidade sem degradação. A outra é mostrar que a concentração de renda de forma autoritária já começa a causar indignação, e muitos já protestam nas ruas. Quando se partilha com todos o que eles mesmos geraram, as coisas se tornam mais fáceis. Não há riqueza sem a mão de obra que a produza.

Cris Andrada (acompanhou a Justa Trama, tendo escrito importante tese pela USP)

A Justa Trama prova que é possível ainda hoje lutar para "devolver ao trabalho o seu sentido maior", como ensinou Sylvia Leser de Mello, ao referir-se à luta dos trabalhadores da Economia Solidária. Em meio a um sem-fim de dificuldades, os membros da rede resistem bravamente aos ditames da economia capitalista, e assim promovem o direito ao trabalho associado, a justiça social e ambiental e o desenvolvimento local e sustentável, a partir de um paradigma econômico distinto, pautado por princípios ético-políticos humanistas. Em outras palavras, a existência da Justa Trama hoje, em contexto tão adverso, anima a luta de trabalhadores mundo afora, ao passo que tensiona gestores públicos a conferir às práticas associativas solidárias a devida atenção.

A Justa Trama tem, portanto, na minha opinião, uma importância histórica notável, não apenas para seus membros ou para o movimento da Economia Solidária, mas para a classe trabalhadora como um todo. A Justa Trama detém um leque singular de condições que permite a seus membros tecer para ela projetos de longo alcance. Mas as dificuldades são também importantes, já que se trata de uma experiência anti-hegemônica. Primeiro, vale dizer que seus grupos reúnem uma diversidade riquíssima de saberes e habilidades que são socializados amiúde, o que confere verdade material ao fenômeno do cooperativismo em rede e potencializa o poder e a esfera de atuação de cada empreendimento. A cadeia encontra-se amparada por uma densa rede institucional de apoiadores, no Brasil e no exterior, e tem raízes em um movimento social amplo e, em certos casos, em vias de expansão – a Economia Solidária. Ela conta com lideranças democráticas e experientes, formadas em movimentos de resistência importantes da esquerda brasileira.

Ou seja, não se trata de uma experiência ingênua ou isolada. Porém, por mais predicados que um grupo reúna, não se

pode responsabilizá-lo por uma ampla e profunda mudança histórica. Neste sentido, entendo que as perspectivas da Justa Trama estão fortemente condicionadas pela expansão (ou não) do próprio movimento da Economia Solidária, que precisa se fortalecer como uma organização política anti-hegemônica maior, capaz de tensionar a generalização de seus valores e proposições, inclusive para o âmbito dos diversos marcos institucionais que cercam suas atividades. Ainda assim, a Justa Trama é, e creio que seguirá sendo, uma experiência de vanguarda fundamental neste processo, e de perspectivas promissoras, enquanto encontrar eco e amparo em um movimento sistêmico maior.

Maria Dalvani (sócia da Cooperativa Açaí, de Rondônia, e fundadora da Justa Trama)

Como pessoa, foi um grande crescimento, no sentido de expandir o meu conhecimento e também agregar valores dos sócios das cooperativas e associações que compõem a Justa Trama. É a importância de um referencial de uma nova política empreendedora e de autogestão solidária. Mas o que mais influencia são as vivências de experiências e de estratégias que cada grupo que faz parte tem, como isso influencia o geral. Além dos choques de cultura e valores, quando se trata da individualidade, quando você se percebe como grupo, pois, principalmente no artesanato, suas técnicas individuais e que cada um quer sua marca, quando se envolve na Justa Trama, qual o produto criado tem que levar a marca da cadeia, você sente no grupo o egoísmo e, muitas vezes, as pessoas estão para levar vantagens pessoais e não o nome como cooperativa. Isso a cadeia traz para fora, com os confrontos, isso é muito importante. Vejo importante também a articulação política e o envolvimento na comunidade, no habitat natural de cada empreendimento, dando visibilidade e forçando a se congregar com outros grupos. Creio que a cadeia Justa Trama é casa de um ferreiro,

onde precisamos de todas as ferramentas para as peças ficarem perfeitas. Então, cada um, com seu estilo, caráter e cultura, vai produzindo junto uma peça, uma nova política, uma nova cultura para novas gerações.

As perspectivas são mudança na família, no empreendimento e na comunidade, forçando uma nova política para outras gerações. Vejo a Justa Trama como uma raiz, que, com os tendões, que são os empreendimentos, vai, em cada local, ramificando e se fortalecendo. Acredito, que, daqui a pouco, teremos vários produtos, e não somente o algodão, mais produtos da agricultura familiar, caso do óleo orgânico, entre outros, que cada empreendimento vai construindo com apoio de equipamentos e formação.

A Justa Trama precisa ser bem definida, incorporada e reconhecida pelos sócios, pois a marca proporciona, além de apoio aos empreendimentos, também a possibilidade de desenvolverem e se envolverem com um trabalho social, trazendo até os sócios outros valores. Percebo esta marca da Justa Trama cada vez mais forte. Constato também que cada empreendimento se tornou um laboratório de qualidade de seus produtos, a partir do desafio de criar novos produtos, levando pessoas simples a fazer pesquisa ou a se qualificar, como também juntar-se a outros grupos e universidades, fazendo um papel de formador de pessoas para uma nova visão de política financeira. Creio que a Justa Trama se tornará um embrião de novas cadeias de redes, geradas nos próprios empreendimentos, pelo fato de buscar constantemente novos produtos, usando não somente o algodão ecológico, mas o natural e nativo das regiões.

Loide (ex-presidente da Textilcooper)

Possibilita que o pequeno produtor , que não tem condição de colocar o seu produto no mercado de uma forma justa, passe a fazer parte desta cadeia produtiva, onde todos os inte-

grantes tem que tirar o seu sustento de uma forma que não prejudique a natureza e nem o ser humano. Isto quer dizer que quem planta, planta sem agrotóxicos, que prejudicam o solo, deixando-o improdutivo e causando doenças. É também valorizado pelos demais participantes desta cadeia. Ou melhor, aquele que compra o algodão para fiar, para tecer, produz o tecido, as roupas, bolsas, calçados, etc., tem que ser remunerado de forma justa, isto é, os trabalhadores desta cadeia trabalhando de forma digna, sem exploração. A Justa Trama é esta forma de trabalho. São feitas reuniões; participei várias vezes, onde trocávamos experiências de como administrar melhor, como se capacitar, se inteirar das novidades do setor, ver as dificuldades que cada integrante da cadeia estava sentindo e resolver todos juntos. Possibilita a oportunidade de desenvolvermos todos juntos, crescermos juntos.

Devido a esta forma de trabalhar, como uma corrente, um dependendo do outro, ou melhor, um trabalhando ligado com o outro participante, se preocupando com as suas dificuldades num geral, eu pude observar que não é um sonho, é uma realidade. A Justa Trama mostra isto: se nós nos unirmos, nos esforçarmos, nós conseguiremos trabalhar em grupo, todos sendo beneficiados, a natureza, o ser humano, sendo fortalecidos e reconhecidos e ajudando um ao outro. E passando estas experiências aos demais, como aconteceu na Venezuela, onde ficamos 11 dias trocando experiências com os cooperados de lá.

Idalina Maria Boni (presidente da Cooperativa Fio Nobre – Um Alinhavo da Vida: Justa Trama e o sonho de justa vida)

A gente só quer oferecer um bom produto, um sonho possível, e deseja que as pessoas se sintam acolhidas na Justa Trama, como nós desejamos ser sempre pelos associados e pela comunidade do mundo.

Então a Justa Trama se concretizou e nosso sonho ganha corpo e vida. Olha, já fala, anda e cresce. Assim é a Justa Trama, chega e diz a que veio.

Realizar sonho, garantir vida, alegria, possibilidade, realidade, vira exemplo e constrói vida. Muitas vidas estão entrelaçadas em sua trama, e vamos caminhando e construindo. Mesmo que as dificuldades apareçam, a força é maior, e a essência do sonho salta e avança coletivamente.

A Justa Trama, na vida dos sócios, é algo grande e empreendedor; na vida, dá direção a uma grande construção entre amores e dissabores. Para mim, é uma paixão que levo pra vida. Algo que me possibilitou abrir um mundo, conhecer o mundo e crescer nas mais altas e belas possibilidades de sonhar um mundo novo e coletivo.

Como diz o grande Mahatma Gandhi: "Sejas a mudança que desejas ver no mundo". Sinto a Justa Trama assim. Não pessoas, mas um coletivo, que se construiu como uma proposta de mudança que desejamos ver no mundo. Virou esta marca de mudança e sonho, que tem, na garra da Nelsa Nespolo, a maior marca que mobiliza a todos. Como afirma nossa frase fundamental, que é base de nossa luta e construção: "Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível, e quando perceberes estarás fazendo o impossível." (São Francisco de Assis)

Um grande beijo a minha grande paixão: Justa Trama

Patricia Ribas (diretora tesoureira da Justa Trama e sócia da Cooperativa Univens)

A Justa Trama nos faz acreditar que os nossos sonhos podem se tornar reais: um mundo justo e solidário. E que somos capazes de mudar a nós e o mundo ao nosso redor.

JUSTA TRAMA renova sua direção em 2014

Ainda, em 2014, a Justa Trama renova sua direção, em assembleia em Minas Gerais. Continua sua prática de democracia e participação ativa em suas decisões, superando as distâncias.

Toda luta vale a pena, não importa onde estejamos, pois, em algum momento, colheremos ou alguém colherá.

Construir sempre, avaliar, se apropriar e fazer uma TRAMA JUSTA SEMPRE! Essa é uma parte da história, pois ela não para....

More Books!

yes I want morebooks!

Buy your books fast and straightforward online - at one of the world's fastest growing online book stores! Environmentally sound due to Print-on-Demand technologies.

Buy your books online at

www.get-morebooks.com

Compre os seus livros mais rápido e diretamente na internet, em uma das livrarias on-line com o maior crescimento no mundo! Produção que protege o meio ambiente através das tecnologias de impressão sob demanda.

Compre os seus livros on-line em

www.morebooks.es

OmniScriptum Marketing DEU GmbH
Bahnhofstr. 28
D - 66111 Saarbrücken
Telefax: +49 681 93 81 567-9

info@omniscriptum.com
www.omniscriptum.com

OMNIScriptum